

CADERNOS DE **EXTENSÃO**

Universidade Federal de Roraima

ISSN 2675-9314
VOLUME 06, NÚMERO 1 (2021)

SOCIEDADE, AMBIENTE VIRTUAL, SAÚDE E BEM-ESTAR

PRAE
PRÓ-REITORIA DE
ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO



UFRR

1

A Revista “Cadernos de Extensão”, vinculada à Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) é um periódico de publicação anual, que visa contribuir com a socialização da prática extensionista por meio da publicação de relatos de experiência nas seguintes áreas temáticas: comunicação; cultura; direitos humanos e justiça; educação; meio ambiente; saúde; tecnologia e produção; e trabalho.

Revista Cadernos de Extensão
Universidade Federal de Roraima

JOSÉ GERALDO TICIANELI
Reitor

SILVESTRE LOPES DA NÓBREGA
Vice-reitor

GILSON DE SOUZA COSTA
Pró-reitor de Assuntos Estudantis e Extensão

SELMAR DE SOUZA ALMEIDA LEVINO
Diretora de Extensão

BRENDA RODRIGUES DA SILVA
Diretora de Assistência Estudantil

FABIO ALMEIDA DE CARVALHO
Diretor da Editora da UFRR

RONI PETTERSON DE MIRANDA PACHECO
Coordenador de Comunicação – CoordCom

CONSELHO EDITORIAL

Membros do Conselho Editorial da Revista Cadernos de Extensão - Edição 2021

ADRIANA REGINA DA ROCHA CHIRONE – UFRR
ADRIANE MELO DE CASTRO MENEZES – UFRR
ANA PAULA DA ROSA DEON – UFRR
ANDERSON DOS SANTOS PAIVA – UFRR
BIANCA MAÍRA PAIVA OTTONI BOLDRINI – UFRR
CAROLINE GOMES COELHO NASCIMENTO – UFRR
EDGAR JESUS FIGUEIRA BORGES – UFRR
ELIABE DOS SANTOS PROCOPIO – UFRR
FERNANDA AX WILHELM – UFRR
FRANCISCA SILVA E SILVA – UFRR
GRACIETE GUERRA DA COSTA – UFRR
HECTOR JOSE GARCIA MENDOZA – UFRR
IGOR CALAZANS DUARTE DE MENEZES – UFRR
IJANÍLIO GABRIEL DE ARAÚJO – UFRR
JÉSSICA MILANEZ TOSIN LIMA – UFRR
JIMMY IRAN DOS SANTOS MELO – UFRR
JOANI SILVANA CAPIBERIBE DE LYRA – UFRR
MARCELO NAPUTANO – UFRR
MARCUS VINICIUS DA SILVA – UFRR
MARIA ALEJANDRA ROSALES VERA BARBOSA – UFRR
MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES – UFRR
PATRICIA SOCORRO DA COSTA CUNHA – UFRR
RAPHAELA FERNANDES DOS SANTOS BORGES DE QUEIROZ – UFRR
RAQUEL ENDALÉCIO MARTINS – UFRR
RAQUEL VOGES CALDART – UFRR
ROBERTO CAMARA DE ARAUJO – UFRR
RONI PETTERSON DE MIRANDA PACHECO – UFRR
ROSINILDO GALDINO DA SILVA – UFRR
SANDRA DO NASCIMENTO MOURA – UFRR
SILVESTRE LOPES DA NOBREGA – UFRR
THAISY BENTES DE SOUZA – UFRR
VANIA GRACIELE LEZAN KOWALCZUK – UFRR
VERÔNICA FAGUNDES ARAÚJO – UFRR
VERONICA PRUDENTE COSTA – UFRR



PRAE PRÓ-REITORIA DE
ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO

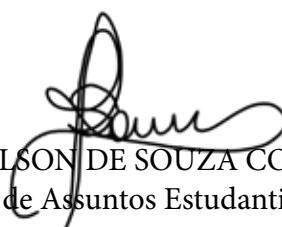
Editorial

A edição 2021 da Revista Cadernos de Extensão, no contexto da pandemia da COVID-19, foi desafiadora para todos nós, pois as ações extensionistas tiveram que se reinventar na forma, conteúdo e estratégias de comunicação, sem perder o foco no compromisso social de promover a troca de saberes entre a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

É unânime entre a Comunidade Universitária a importância das ações de Extensão Universitária na formação pessoal, acadêmica e profissional. Ao desenvolver programas e projetos de Extensão, os participantes, em especial os discentes, têm a oportunidade de colocar em prática os assuntos abordados durante as aulas e atividades de pesquisa. Além de adquirirem essas experiências, eles compartilham ideias com a população atendida, o que contribui para fortalecer a missão da Universidade em capacitar cidadãos ativos na transformação social.

Esta Revista constitui o volume 06, número 01 e traz 12 relatos de experiências com a temática “Sociedade, Ambiente Virtual, Saúde e Bem-Estar”, com o propósito de ser um canal de divulgação e interlocução das ações extensionistas desenvolvidas por docentes, discentes e técnicos administrativos da Universidade Federal de Roraima (UFRR) com os diversos segmentos da sociedade.

Na oportunidade, parablenizo a todos os autores dos relatos que se dispuseram a compartilhar os resultados das suas ações e experiências. Agradeço aos integrantes da Comissão Editorial da Revista envolvidos pelo empenho e comprometimento técnico na organização, revisão, avaliação e elaboração do projeto gráfico.



GILSON DE SOUZA COSTA
Pró-reitor de Assuntos Estudantis e Extensão



Comissão Editorial

Gilson de Souza Costa
Editor-chefe

Bianca Maira de Paiva Ottoni Boldrini
Editora

José Otávio Coelho da Silva
Projeto Gráfico e Diagramação

Maria da Conceição Lopes
Editora e Revisora

Raphaela Fernandes dos Santos Borges de Queiroz
Editora e Revisora

Selmar de Souza Almeida Levino
Editora



UFRR

PRAE PRÓ-REITORIA DE
**ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO**

Sumário

ALEITAMENTO MATERNO E A TRANSMISSÃO VERTICAL DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	6
EPISTEMOLOGIAS DA CURA: ENCONTRO DE SABERES EM TEMPOS DE COVID-19.....	10
ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NOS CURSOS DE LETRAS: VENCENDO DESAFIOS NA PANDEMIA	14
SOMOS MIGRANTES: EXPERIÊNCIA DE UMA REDE DE APOIO A MIGRANTES E REFUGIADOS MEDIADA PELAS PLATAFORMAS DIGITAIS	17
TERTÚLIA LITERÁRIA FEMINISTA: PRÁTICA FORMATIVA E PEDAGÓGICA	20
RODAS DE CONVERSA “SOBRE-VIVÊNCIAS” – ESCOLA E FAMÍLIAS NA PANDEMIA	23
CONEXÃO FOTOCRIAÇÃO NOS ENCONTROS CRIATIVOS VIRTUAIS E AFETIVOS DA BRINQUEDOTECA	26
FOCA NA TV: UMA EXPERIÊNCIA DE MOBILE JOURNALISM NA UFRR	30
MAIS LIBRAS: UMA AÇÃO DE INCLUSÃO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA E O ENSINO REMOTO	34
XXVIII SEMANA ACADÊMICA DE QUÍMICA DA UFRR: QUÍMICA E SAÚDE	38
AZEVICHE: REDE DE APOIO PARA ENLUTADOS	42
O TRABALHO INTERDISCIPLINAR COM HISTÓRIA E BIOLOGIA NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA EM RORAIMA	45



ALEITAMENTO MATERNO E A TRANSMISSÃO VERTICAL DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil.

Carla Mariana de Melo Beeck - Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima - UFRR

Karoline Gabriely Sergio de Sena Costa - Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima - UFRR

Tariana Lucena dos Santos - Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima - UFRR

Vinícius da Costa Faustino - Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima - UFRR

Simone Lopes de Almeida - Mestre em Ciências da Saúde. Docente do curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima - UFRR

O aleitamento materno é, incontestavelmente, uma das formas mais eficazes para reduzir a morbimortalidade infantil, além de conferir inúmeros benefícios, tanto para a mãe quanto para o bebê. A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que o Aleitamento Materno (AM) seja exclusivo nos primeiros seis meses de vida e, complementado até os dois anos de idade da criança (GENEV; WHO; 2003). Essa prática é considerada a melhor escolha para nutrição, promovendo proteção imunológica contra doenças respiratórias e infecções gastrointestinais, além do vínculo afetivo entre mãe e filho (LANCET, 2016).

Para ratificar e promover a importância da amamentação, o mês de agosto foi estabelecido como o mês do Aleitamento Materno, principalmente através de campanhas como o Agosto Dourado. Essa campanha simboliza a luta pelo incentivo à amamentação – a cor dourada está relacionada ao padrão ouro de qualidade do leite materno. De acordo com a OMS e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), por ano, cerca de seis milhões de vidas são salvas por

causa do aumento das taxas de amamentação exclusiva até o sexto mês de idade (BRASIL, 2021).

A amamentação pode tornar-se contraindicada devido ao risco de exposição do bebê a possíveis comorbidades maternas, como é o caso das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). As ISTs são infecções causadas por microorganismos – especialmente vírus e bactérias – com a transmissão ocorrendo por meio do contato sexual, sendo ele anal, oral ou vaginal, sem o uso da camisinha feminina ou masculina. Não obstante, pode ocorrer também por meio da transmissão vertical para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação, quando medidas de prevenção não são realizadas (BRASIL, 2020).

Devido ao atual contexto pandêmico mundial relacionado à COVID-19, muitas doenças têm sido negligenciadas pelos profissionais da saúde. Isso se deve ao aumento exponencial da demanda de tratamento das complicações que o vírus SARS-CoV-2 ocasiona, o que contribui para o retardo no diagnóstico e investigação de infecções, entre elas, as ISTs encontram-se como algumas das principais com as quais a comunidade sofre diariamente. Assim, o Projeto de Extensão “Orientações acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) negligenciadas no contexto da Pandemia da COVID-19” visa abordar sobre a importância do Aleitamento Materno, os riscos que ele pode trazer em situações de infecções sexualmente transmissíveis e os cuidados necessários para prevenção de complicações ao binômio mãe-filho.

Estudo descritivo do tipo relato de experiência com abordagem qualitativa que teve com o propósito descrever a experiência do Aleitamento Materno e a transmissão vertical das infecções sexualmente transmissíveis.

O cenário do estudo foi a Unidade Básica de Saúde (UBS) Arminda Gomes, localizada no bairro Jóquei Clube, na cidade de Boa Vista (RR). A unidade oferece serviços de atenção básica à saúde, pautados em um trabalho multidisciplinar, que se orienta pelos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), (BRASIL, 2017), visando o atendimento às necessidades de saúde da população referida. A experiência em questão ocorreu no dia 18 de agosto de 2021. O público contou com a participação de mulheres, primigestas ou não, que aguardavam para consulta pré-natal de rotina e consultas médicas.

Agosto é considerado o mês da amamentação, nesse contexto, a UBS juntamente com os acadê-

micos do curso de Medicina da UFRR organizaram a ação para abordar, com mais destaque, o tema. Nesse ensejo, foi feito um convite para as gestantes e, separado um ambiente para recebê-las, servindo-se um lanche com alimentos nutritivos e palestras sobre a forma correta de amamentar; mitos e verdades sobre a amamentação; serviços de apoio as mães que não conseguem amamentar; nutrição; infecções transmissíveis na amamentação; entre outros. Cada grupo que ficou responsável por um tema estava acompanhado por um supervisor. Destinou-se um tempo para que cada grupo pudesse transmitir o conhecimento da melhor maneira à população.

Para abordar sobre as ISTs na amamentação, foram distribuídos panfletos elaborados pela equipe da Extensão, contendo informações sobre essas doenças, o que são e, principalmente, se podem ou não amamentar em detrimento de determinada infecção, além da realização de palestra sobre o tema com retirada de dúvidas.

O intuito da ação sobre amamentação, realizada em alusão ao Agosto Dourado, foi orientar as gestantes e puérperas da comunidade atendida pela UBS Arminda Gomes sobre os riscos da mãe soropositiva para o HIV e para o vírus T-linfotrópico Humano (HTLV) em realizar a lactação, bem como alertar para as outras situações que a amamentação deve ser interrompida (MELO, et. al., 2016).

De acordo com Gomes e Koifman (2021), os benefícios da amamentação são amplamente conhecidos não só pelos profissionais de saúde como também pela população em geral. O leite humano tem uma composição rica em nutrientes, além de uma complexidade de células, membranas e moléculas que atuam na proteção do recém-nascido.

O Agosto Dourado é uma ação em incentivo à amamentação, definida pela Lei Nº 13.435, de 2017 (BRASIL, 2017). É um mês marcado por campanhas de conscientização e esclarecimento sobre a importância do aleitamento para a criança. Conforme o Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI), a prevalência do aleitamento materno exclusivo entre as crianças com menos de seis meses de idade foi de 45,7% no Brasil (UFRJ, 2010). Por isso, uma rede de apoio é fundamental para o esclarecimento de dúvidas a respeito do assunto e para conhecimento das adversidades da lactação, tais como a transmissão vertical de algumas ISTs.

Apesar das várias vantagens do aleitamento materno, as ISTs podem constituir-se como um obstáculo para essa relação entre a mãe e o bebê. No Brasil, o Ministério da Saúde aconselha que em casos da mãe infectada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), por exemplo, a amamentação seja interrompida, devido ao risco adicional de transmissão do vírus para o bebê (MELO, 2016).

Segundo Levandowski et al., (2017), a transmissão vertical pode ocorrer durante a gestação, trabalho de parto ou durante a lactação, sendo o risco de 75% no parto e 25% na fase intrauterina. Deve-se considerar também o risco adicional de transmissão durante a amamentação que varia entre 7% a 22% de acordo com a oferta de mamas. Durante o aleitamento, a transmissão do vírus pode ocorrer em qualquer fase, porém parece ser mais frequente nas primeiras semanas e além disso, a carga viral do colostro (leite primário ou inicial) é mais elevada que nos leites posteriores.

Na ação realizada, ressaltou-se ainda a importância do rastreamento e da assistência no Pré-natal, já que o diagnóstico precoce é eficiente para um melhor tratamento e para evitar as transmissões conhecidas (PAULA et. al., 2015). Observou-se o conhecimento das gestantes e puérperas ouvintes sobre o assunto e sobre a relevância da realização de testes rápidos e da prevenção contra as ISTs, feita principalmente pelo preservativo masculino e feminino. A ação contou com a presença do médico generalista atuante na UBS que alertou sobre a importância de realizar o Pré-natal e fazer o acompanhamento correto.

As consultas Pré-natal são oportunidades para o aconselhamento sobre dúvidas da gestação e a amamentação, bem como um momento importante para adoção de medidas de prevenção e controle de IST. Porém, nem sempre esses serviços são suficientes. A dificuldade de acesso aos serviços de saúde, início tardio do Pré-natal e falta de orientações acerca das doenças e do uso do preservativo constituem problemas que devem ser superados (VILELA et. al., 2019).

Cabe ainda afirmar que não apenas o HIV e o HTLV têm importância na transmissão vertical. A sífilis, uma IST causada pela bactéria *Treponema pallidum*, tem transmissão por via sexual (sífilis adquirida) e vertical (sífilis congênita), sendo que o risco de contágio durante a gestação depende do estágio em que o feto está sendo exposto à infecção e se seu sistema imunológico é

suficientemente capaz de responder (TEIXEIRA et. al., 2017). Além disso, de acordo com o Ministério da Saúde, nas mães infectadas por doenças como Hepatite virais, Herpesvírus humano, Citomegalovírus (CMV) e Herpes simples, a amamentação deve ser interrompida. (GIACOMINI et. al., 2017).

Por fim, durante a ação foi levantada uma dúvida acerca dos meios alternativos para aquelas mães que, devido a alguma dessas ou outras comorbidades, tenham contraindicação da lactação. Quanto a isso foi esclarecido que a melhor alternativa é recorrer ao Banco de Leite Humano Dra. Marilurdes Albuquerque, centro de referência em aleitamento materno para o estado de Roraima. Esse estoque é mantido pela doação do leite excedente de mães saudáveis e que não estejam fazendo uso de medicamentos que interfiram na amamentação, sendo processado e, posteriormente, encaminhado aos recém-nascidos internados na UTI neonatal do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazaré.

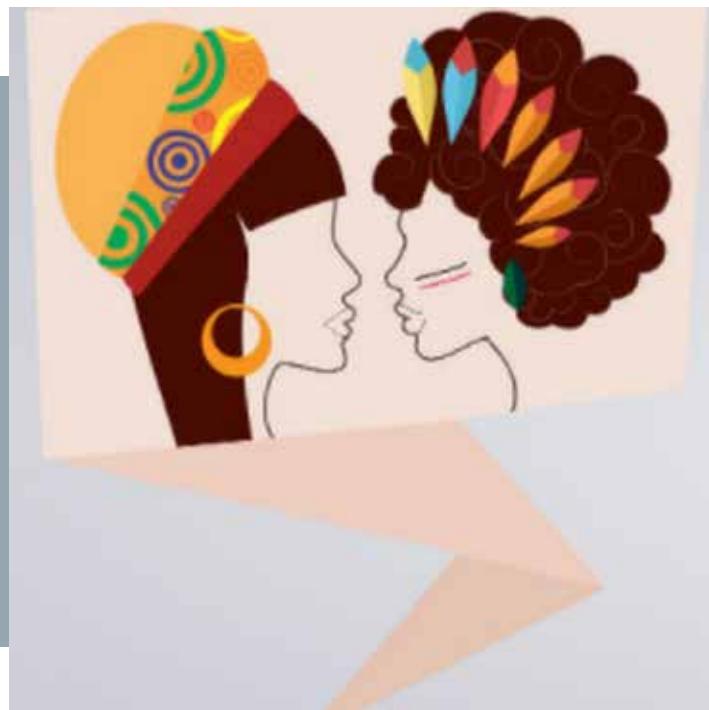
De modo geral, é possível notar, na prática clínica, que dúvidas sobre a transmissão vertical de infecções sexualmente transmissíveis durante o aleitamento são muito frequentes. Ao lado disso, são cientificamente comprovados os benefícios do leite materno, alimento exclusivo e suficiente para o recém-nascido nos primeiros seis meses de vida. Nesse cenário, a escassez de ações de educação em saúde voltadas para essa temática mostra-se preocupante. Assim, encontros como esse, envolvendo profissionais, discentes e docentes da área da Saúde são de elevada importância no contexto da prevenção de possíveis doenças que podem ser transmitidas da mãe ao lactente durante a amamentação.

A fim de tornar o puerpério um período agradável e seguro para a lactante e seu conceito, dúvidas e mitos quanto ao aleitamento materno devem ser sanados ainda durante o Pré-natal. Assim, ações de Extensão universitária de Educação em Saúde voltadas para esse público são imprescindíveis na formação de conceitos sólidos no que tange às variadas temáticas, aumentando a qualidade de vida das populações atingidas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J.S., et. al. Orientações sobre amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23 (4), abr 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/3FSQ-TRcswrTWCsvd6FXbHk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05/10/2021.
- ANDRADE, L.P., et. al. Amamentação: relato de experiência sobre projeto de extensão. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v.4, n.2, mar./abr. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/25504/20312>. Acesso em: 05/10/2021.
- BRASIL. Portaria nº 2.436, de 21 de Setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saude-legis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 07/10/2021
- _____. Lei nº 13.435, de 12 de abril de 2017. Institui o mês de agosto como o Mês do Aleitamento Materno. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2018/2017/lei/L13435.htm. Acesso em: 17/10/2021
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção primária à saúde, 2021.
- Ministério da Saúde lança campanha para incentivar o aleitamento materno no Brasil. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/noticia/13216> Acesso em: 06/10/2021
- _____. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Brasília: Ministério da Saúde, 2020
- FRIEDRICH, L., et. al. Transmissão vertical do HIV: uma revisão sobre o tema. *Boletim científico de pediatria*. Vol. 5, Nº 3, 2016. Disponível em: https://www.sprs.com.br/sprs2013/bancoimg/170118174005bcped_05_03_a03.pdf. Acesso em: 05/10/2021.
- GOMES, C. S.S. KOIFMAN, Amamentação: uma questão (bio)ética?. *Diversitates International Journal*, vol. 13, n.1. Janeiro/junho 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.53357/KMKK1935>. Acesso em: 18/09/2021.
- LEVANDOWSKI, D. C., et. al. Maternidade e HIV: revisão da literatura Brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(2), 34-51. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v69n2/04.pdf>. Acesso em: 05/10/2021.
- LIMA, D. M., et. al. As infecções sexualmente transmissíveis e o impacto na transmissão vertical: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 9, n.7, 2020. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4433/4024>. Acesso em: 05/10/2021.
- MELO, A. C., et al. Infecções Sexualmente Transmissíveis rastreadas pela assistência pré-natal na atenção básica. *Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem*, vol. 2, n. 1, Jun. 2016. Disponível em: <http://reservas.fcrcs.edu.br/index.php/mice/article/view/1117/898>. Acesso em: 18/09/2021.
- PAULA, M; G., et. al. Enfrentamento de puérperas HIV positivas relacionado ao ato de não amamentar. *Revista eletrônica de enfermagem*. 2015 jan./mar.;17(1):136-42, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i1.23949>. Acesso em: 05/10/2021.
- SOUZA, L. Agosto dourado: amamentação previne doenças da infância. Agência Brasil, São Paulo, 15/08/2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/agosto-dourado-amamentacao-previne-doencas-da-infancia>. Acesso em: 18/09/2021.
- TEIXEIRA, Marizete Argolo. et al. Sentimentos de mulheres soropositivas acerca da não amamentação. *Revista baiana de enfermagem*, vol 31, n. 3. 2017. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502017000300315. Acesso em: 18/09/2021.
- UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil – ENANI-2019: Resultados preliminares – Indicadores de aleitamento materno no Brasil. UFRJ: Rio de Janeiro, 2020. 9 p. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio-preliminar-AM-Site.pdf>. Acesso em: 10/10/2021
- VASCONCELOS, Isis Tamires de. O sentimento em relação a não amamentação de puérperas portadoras do vírus HIV : revisão integrativa de literatura / Isis Tamires de Vasconcelos. -- 2020. Disponível em: encurtador.com.br/wENOV. Acesso em: 05/10/2021.
- VICTORA, C.G, BAH L, BARROS A.J, FRANÇA G.V, HORTON S, KRASEVEC J, et. Al. Lancet Breastfeeding Series Group. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. *Lancet*. 2016;387(10017):475–90. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(15\)01024-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(15)01024-7/fulltext). Acesso em: 06/10/2021.
- VILELA, L. S.; LEMOS, C. A., et al. O pré-natal como ferramenta na prevenção da sífilis congênita: uma revisão integrativa da literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 2, n. 3, mar./abr. 2019. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/1414/1544>.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Global strategy for infant and young child feeding. Geneva: WHO; 2003.30p. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9241562218>. Acesso em: 06/10/2021.

EPISTEMOLOGIAS DA CURA: ENCONTRO DE SABERES EM TEMPOS DE COVID-19



Universidade Federal de Roraima - UFRR

Pablo de Castro Albernaz - Doutor em Antropologia pela Eberhard Karls Universität Tübingen (EKU), Alemanha. Professor adjunto do curso de Antropologia (INAN-UFRR).

Paolla Bentes Ferreira - Graduanda do Curso de Ciências Sociais (UFRR). Bolsista do projeto de extensão “Encontro de Saberes: artes e ofícios das populações tradicionais”.

Dalila Dantas Simões - Graduanda do Curso de Antropologia (UFRR). Bolsista do projeto de extensão “Encontro de Saberes: artes e ofícios das populações tradicionais”.

Os demais participantes foram: Prof. Dr. José Jorge de Carvalho (UNB), Prof.^a Dr.^a. Leticia Cao Ponso (FURG), Prof. Dr. Edgar Rodrigues Barbosa Neto (UFMG), Prof. Dr. Cesar Guimarães (UFMG), Prof. Ms. Amilton Pellegrino (UFAC), Prof.^a Dr.^a. Indira Caballero (UFG), Prof. Dr. Alessandro Oliveira (UNB), Prof. Dr. Bruno Goulart (UNILAB), Prof.^a. Dr.^a. Cristiane Tavares (UFSC), Prof. Dr. Mario Maia (UFPel), Profa. Dra. Luciana Prass (UFRGS). Todas as aulas do Projeto Encontro de Saberes estão disponibilizadas em canal no Youtube e podem ser assistidas através do link: <https://www.youtube.com/channel/UC17J29wHEapz2Fi4U2SIYpw/videos>

Este relato discute o projeto Encontro de Saberes, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão (INCTI) no Ensino Superior e na Pesquisa, iniciado na Universidade de Brasília (UNB), em 2010. O foco central do Encontro de Saberes é possibilitar que mestres e mestras dos saberes tradicionais atuem como docentes nas universidades.

Na Universidade Federal de Roraima (UFRR), a primeira oferta do projeto ocorreu em 2019, com a participação de mestras e mestres das religiões de matriz afro-brasileira e um xamã indígena. Em 2021, o Encontro de saberes foi ofertado em dois semestres, como Tópico especial e Projeto de extensão. No semestre 2020.2, o curso teve o formato de rodas virtuais de conversas com mestres, mestras, acadêmicos indígenas e afrodescendentes, e pesquisadores de diversas universidades do Brasil. A disciplina contou com a participação de Ibã Huni Kuin, Jaime Diakara Desana, João Paulo Tukano, Viviane Ye'kwana, Célia Xakriabá, Davi Kopenawa Yanomami, Mãe Michele de Oxum, Mestre Cica de Oyó, Yashodan Abya Yala, Tata Bokulê e Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, dentre outros. No semestre 2021.1, o projeto contou com o auxílio de duas bolsistas e se centrou em atividades assíncronas baseadas nas aulas do primeiro semestre e em encontros síncronos de debates, o que possibilitou a transcrição prévia de cada encontro e a organização do material para futura publicação.

Ibã Sales Txana é um mestre de cantos Huni Kuin. Os Huni Kuin pertencem à família lingüís-

tica Pano, e habitam a fronteira brasileira-peruana na Amazônia ocidental, no estado do Acre. Professor desde a década de 1980, Ibã incorporou os saberes ancestrais aprendidos com seu pai aos conhecimentos ocidentais, dando início a pesquisas sobre cantos tradicionais (Ibã, 2006 e 2007). Ibã abordou os conhecimentos do povo Huni Kuin a partir dos cantos e das músicas do nixi pae (ayahuasca). A ayahuasca, os cantos e as histórias, são elementos centrais da epistemologia Huni Kuin. O nixi pae é uma planta de poder que funciona como uma espécie de terapeuta, pois ajuda a sentir, a resgatar lembranças, “coisas que você não lembra”. Ibã chega a comparar o nixi pae à máquina de raio x, por ser uma tecnologia de obtenção de diagnósticos sobre doenças físicas e mentais. As letras dos cantos huni meka falam os idiomas dos animais, trazem cura e encantamento através da língua que é música e poesia, e busca compreender a fala de animais como os pássaros, a onça, o jacaré, a jiboia e o macaco.

Outra aula que abordou a epistemologia da ayahuasca foi proferida por Jaime Diakara Desana, doutorando em antropologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Os Desana são um povo de língua Tukano, que vive na região dos rios Tiquié, Papuri, Uaupés e Negro, bem como seus afluentes, no estado do Amazonas. Assim como Ibã, Jaime é filho de um grande conhecedor tradicional, e foi a partir do aprendizado com ele que desenvolveu sua pesquisa sobre os diversos mundos que compõem o sistema de pensamento Desana (Diakara, 2018). O mestre em Antropologia disse que com esse trabalho feito com a ajuda de seus colegas e do seu orientador, almeja fazer uma antropologia diferenciada: uma antropologia indígena que explique o que é a ayahuasca para os indígenas e seus significados, e que possa ser entendida pelas correntes dominantes da disciplina.

João Paulo Barreto é indígena da etnia Tukano, que vive às margens do Rio Uaupés e seus afluentes, no Amazonas. Ele é doutor em Antropologia pela UFAM, e criador do Centro de Medicina da Floresta. Em sua aula, João Paulo contrastou dois modelos de construção de conhecimentos: o da oralidade (indígena) e o da escrita (ocidental). O modelo de conhecimento escrito nega que o conhecimento dos indígenas tenha teoria, entretanto, João Paulo se contrapõe a isso, e afirma que o conhecimento indígena é uma teoria sobre o mundo (Barreto, 2021). O antropólogo sinteti-

za os conhecimentos indígenas em três grandes conceitos: “mitologia, benzimentos e rituais”. O primeiro conceito, “mitologia”, ultrapassa a noção do que se denomina por lendas e fábulas, pois para os indígenas a mitologia é um modelo de entender, compreender, organizar e extrair as práticas políticas e sociais. O conceito de “benzimentos” busca descrever “a manipulação meta química e metafísica das coisas pelas palavras”. O terceiro conceito são os “rituais”, conjunto de práticas relacionada às dinâmicas sociais, às práticas sociais organizadas ao longo do ciclo anual de acordo com o complexo calendário astronômico. Todas as práticas indígenas estão, para o autor, interligadas nesses três grandes conceitos.

Célia Xakriabá é professora e ativista indígena do povo Xakriabá, que vive na margem esquerda do rio São Francisco, em Minas Gerais. Ela abordou em sua aula a importância da ancestralidade, do papel das mulheres indígenas na criação e preservação dos saberes e dos territórios. As reflexões de Célia visam traduzir a educação escolar a partir da perspectiva indígena (Correa, 2018). Ela afirma que as epistemologias dos povos indígenas estão centradas no corpo, nos pés e no caminhar. Desse modo, não só sua oralidade, mas também sua escrita está fundada no caminhar. Por isso, ao invés de literatura, os povos indígenas produzem “luta-litura”, “antropo-litura”. E essa produção se dá através do corpo, não somente pelas mãos, mas também pelo útero, no caso das mulheres. Sobre a crise política e climática, Célia nos lembra que ela deriva de uma crise epistemológica, e que o conhecimento indígena é um “potente caminho para pensar a ciência da cura”.

Viviane Rocha é professora da etnia Ye'kwana e mestre em antropologia social pela UFMG. Os Ye'kwana são um povo indígena de língua caribe habitante do estado de Roraima, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Em sua aula, proferida poucos dias antes da defesa de sua dissertação, Viviane nos falou de seu trabalho de mestrado acerca das histórias mitológicas do seu povo sobre a origem dos alimentos cultivados. É importante salientar que essas histórias, denominadas Watunna, possuem um aspecto central na vida dos Ye'kwana, pois, junto com os cantos, plantas de poder e alimentos, são os pilares da criação e proteção da pessoa (Albernaz, 2020). Viviane descreveu como sua pesquisa acadêmica a fez aprender coisas que desconhecia de sua própria cultura, como os fundamentos das regras, inter-

dições alimentares, dos cantos e histórias relacionadas às roças e aos alimentos Ye'kwana. Além disso, alertou sobre os cuidados com os saberes que não são de acesso para todos, mas apenas das mulheres e homens sábios.

Davi Kopenawa, xamã Yanomami, abordou em sua aula temas narrados em seu livro “A Queda do céu” (Kopenawa e Albert, 2015) e no longa-metragem “A última floresta”, no qual atuou como roteirista e ator. Os Yanomami vivem em aldeias localizadas em regiões da floresta amazônica nos estados de Roraima e Amazonas, na fronteira entre Brasil e Venezuela. Na aula, Davi Kopenawa narrou alguns mitos de origem dos Yanomami, enfatizando que os povos indígenas possuem saberes diferentes, que se referem à proteção da floresta amazônica como entidade viva. Os povos indígenas são os melhores guardiões das florestas, justamente porque seus saberes são assentados nos conhecimentos tradicionais locais. Para os Yanomami, os espíritos zeladores da floresta são os xapiri, que garantem a saúde da terra. Os xamãs trabalham junto com os xapiri para proteger as florestas, que estão sendo poluídas por mineradores, fazendeiros e garimpeiros, com suas atividades que buscam extrair e importar matérias-primas. Por isso, para o xamã, é importante que o povo da cidade aprenda com os povos indígenas, para que sua educação não seja voltada apenas para o mercado e o lucro.

Mãe Michele de Oxum, sacerdotisa do batuque no Rio Grande do Sul, ministrou aula sobre o tema da pandemia e os Orixás. Os Orixás, segundo Michele, são forças da natureza, e cada Orixá com sua força, protege seus filhos. Mas, com a pandemia, que também é uma força da natureza, os Orixás estão voltados à cura e proteção. “O vírus é uma força da natureza e ele é desconhecido, diferente dos nossos Orixás, que são conhecidos e cultuados”, afirma Mãe Michele, pedindo respeito a essa força que é a doença, reafirmando a importância da fé nos Orixás e dos cuidados para prevenir o contágio e a proliferação do vírus. Mãe Michele também mostrou aos alunos os okutás, que são as pedras onde se assentam os Orixás, além de outros artefatos guardados no quarto de santo.

O mestre Tatá Bokulê, fundador da primeira casa de Candomblé Nação Angola, em Roraima em 1989, retomou em sua aula alguns temas abordados pela Mãe Michele, da Nação Cabinda. Tatá Bokulê possui décadas de formação religiosa e de militância no movimento negro e movimento das religiões de matriz afro-brasileira, o que dá um tom

fortemente politizado à fala sobre sua trajetória e sobre a importância dos saberes ancestrais afro-brasileiros. Tatá falou sobre sua experiência dentro das religiões de matriz africana nas comunidades tradicionais de terreiro e afirmou que os negros oriundos da mãe África foram trazidos em navios negreiros como escravos, mas descendem de reis e de rainhas africanos. Bokulê disse que trouxe o Candomblé do Amazonas para Roraima, em 1989, como movimento de resistência e luta por igualdade racial.

A aula do mestre Cica retomou alguns conceitos das aulas da Mãe Michele e Tatá Bokulê, dando ênfase maior na ancestralidade. Mestre Cica é escritor, Bábálórìsà e Mestre Griô, Olúkó (professor do idioma Yorubá). O mestre iniciou sua aula abordando o conhecimento da sua bacia e sua linhagem descritas no seu livro “O Batuque de Nação Òyó no Rio Grande do Sul” (2020). Cica não vê Òrìsá/Inquice/Vodu como religião, vê como tradição, sendo todo conhecimento adquirido através da oralidade pelos seus antepassados, aprendido no terreiro/casa/tradição, na convivência, nos costumes, ouvindo os antigos conhecedores de Òrìsá (Orixá).

Yashodan Abya Yala, da nação Muzunguê, falou sobre a cosmovisão dos moradores do “Kilombo” Morada da Paz, território de Mãe Preta, localizado no Rio Grande do Sul (Okaran, 2020). Para Yashodan, quilombo escrito com “Q” é uma forma de colonização, já que a língua bantu não possui essa letra, sugerindo “Kilombo” com “K”. Por isso, o termo “Kilombo” é uma expressão política contra hegemônica. É digno de nota as matrizes que fundamentam essa comunidade afrodiáspórica, que se autodenomina “afrobudígena”: fruto da recuperação de uma memória ancestral que alia a matriz indígena M'Mbyá Guarani, a matriz africana Iorubá e a matriz do Budismo tibetano mahayana.

Nêgo Bispo, lavrador e morador do Quilombo Saco-Curtume, no Piauí, é um importante mestre quilombola, escritor de diversos livros e artigos (Bispo 2015, 2018 e 2020). Ao falarmos sobre a crise decorrente da COVID-19, Bispo afirmou que o povo da cidade sempre viveu isolado, diferente do povo quilombola, que vive distanciado, mas não isolado. Esse isolamento demasiado dos povos das cidades, impede que eles percebam o sincronismo dos animais, das plantas, das flores, das vidas humanas. O povo quilombola, ou afroconfluyente, se comunica com o mundo através da linguagem cosmológica, que lida com os saberes orgânicos, da natureza, e não com a natureza sintetizada. Essa ênfase nas relações de alteridade,

na confluência da comunicação dos humanos com as demais espécies, faz Bispo entender que o povo quilombola possui certa imunização diante da COVID-19, por compartilhar o território com tantas vidas não-humanas, em biointeração.

Ao falar das pandemias, Bispo lembrou que o veneno jogado na terra pela agricultura, o esgoto jogado nos rios ou os resíduos gasosos dispersos na atmosfera provocam diversas pandemias: “porque você está levando uma doença para as demais vidas e as demais vidas não estão imunizadas contra aquela doença, os pássaros, as abelhas, as plantas, as outras vidas no geral não estão imunizadas contra o veneno, então morrem muitas vidas e muita gente também”. Por isso, é de se esperar que surjam pandemias que também afetem as pessoas e a sociedade capitalista, responsáveis por tantas pandemias direcionadas às outras espécies. Para Bispo, o problema do nosso mundo está no pensamento monológico: “Eu costumo dizer que como eu não sou mono, sou várias coisas e quase nada”. Para o autor, as letras no papel são como sementes; ele se vê semeando letras que nascem na forma de palavras, como sementes de um lavrador no papel, polidas pela audição, e assim ele vai criando conceitos e confluindo saberes.

O objetivo deste texto foi relatar alguns dos temas, conceitos e reflexões trazidas pelos convidados do Encontro de Saberes, ofertado na Universidade Federal de Roraima (UFRR) como Projeto de Extensão durante a crise sanitária da COVID-19. Apesar das dificuldades inerentes ao ensino remoto, os participantes, oriundos de diversas regiões do país, expressaram a importância do curso com os mestres e mestras, no contexto da pandemia. O curso, era, para a maioria, uma espécie de terapia, auxiliando no combate ao adoecimento psíquico tão presente no cotidiano da vida acadêmica e intensificado pelo isolamento social (Carvalho, 2020).

Como ficou demonstrado nas falas dos mestres resumidamente descritas, é preciso que as universidades e os saberes acadêmicos se abram para essas outras epistemologias, de modo a criar alternativas para que possamos sair da crise social, política, ambiental e, principalmente, epistêmica, que vivemos no mundo de hoje, e que tem colocado em risco a própria conservação da espécie humana na terra, sendo a COVID-19 um exemplo disso.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, P. C. The Ye'kwana cosmonsics a musical ethnography of a North-Amazon people. Tese de doutorado. Universitätsbibliothek Tübingen: TOBIAS-lib. 2020.
- BARRETO, J. P. L. Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. 2021. 190 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.
- BASTIDE, R. O candomblé da Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 (1958).
- BISPO DOS SANTOS, A. “Colonização, quilombos, modos e significados”. Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa CNPQ/Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- _____. SANTOS, A.B. Somos da terra. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018. (Disponível em: <https://piseagrama.org/somos-da-terra/>).
- _____. Cupim que vai pra festa de tamanduá. In: Revista Praia Vermelha, 30(2), 2020. (Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/praiavermelha/article/view/36041>).
- CARVALHO, J. J. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: J. BERNARDINO-COSTA; N. MALDONADO-TORRES; R. GROSGOUEL. (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. 1. ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018. p.79-106.
- CARVALHO, JJ; KIDOIALE, M; CARVALHO, E; COSTA, S. Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e encontro de saberes. Revista Sociedade e Estado – Volume 35, Número 1, Janeiro/Abril 2020.
- CORREA, C.N. O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. Dissertação de mestrado, UNB, 2018.
- CORRÊA, N. O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense. Porto Alegre: Editora Cultura e Arte, 2006 (1992).
- DIAKARA, J. Gaap: elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos. Dissertação de mestrado, UFAM, 2018.
- KOPENAWA, D., ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- IBÁ, I. S. Nixi pae, O espírito da floresta, Rio Branco, CPI/OPIAC, 2006.
- _____. Huni Meka, Os cantos do cipó. IPHAN/CPI, 2007.
- OKARAN, C.P.P.K. Um jeito de ser e viver no Kilombo da Mãe Preta [recurso eletrônico] / Organização Coletivo de pesquisadores Kilombolas Okaran.- São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.
- OYÓ, M.C. O Batuque de Nação Oyó no Rio Grande do Sul. São Paulo: Hucitec, 2020.

ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NOS CURSOS DE LETRAS: VENCENDO DESAFIOS NA PANDEMIA

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Eliaine de Moraes Belford Gomes - Doutora em Linguística pela UFRJ. Professora de Língua Inglesa na UFRR.

Thami Amarilis Straiotto Moreira - Doutora em Linguística pela USP. Professora de Linguística na UFRR.

Ancelma Barbosa Pereira - Mestra em Letras Neolatinas pela UFRJ. Professora de Língua Espanhola na UFRR.

Elenize Cristina Oliveira da Silva - Doutora em Educação pela UFAM. Professora de Língua Francesa na UFRR.

Luzineth Rodrigues Martins - Doutora em Linguística pela UnB. Professora de Linguística na UFRR.

Parmênio Camurça Citó - Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UnEsp. Professor de Língua Inglesa na UFRR.

Sandra Moraes da Silva Cardozo - Doutora em Educação pela UFSCar. Professora de Políticas Educacionais na UFRR.

Sheila Praxedes Pereira Campos - Doutora em Estudos Literários pela UFF. Professora de Literaturas na UFRR.

O semestre de 2020.1 começou normalmente em março. Uma semana após o início das aulas, todos foram pegos de surpresa com a suspensão das aulas presenciais. Com o crescimento da pandemia de COVID-19 pelo País, a volta às aulas presenciais parecia cada vez mais distante. Após dois meses de aulas suspensas e sem previsão de retorno presencial, devido ao avanço da pandemia, começaram inúmeras reuniões sobre o retorno às aulas, mas de maneira remota. Após muita discussão e planejamento, formulou-se uma Resolução, em agosto de 2020, implementando o Calendário Suplementar para a realização dos semestres de 2020.1 e 2020.2.

Em setembro de 2020, o 1º semestre desse ano foi reiniciado, sendo denominado período de Ensino Remoto Emergencial (ERE). A princípio, muitos professores participaram de cursos de capacitação para que pudessem adaptar suas aulas ao contexto virtual. Entre encontros síncronos e atividades assíncronas, como gravações de videoaulas e envio de tarefas, as aulas do semestre foram iniciadas.

Contudo, as disciplinas de estágio supervisionado depararam-se com uma grande dificuldade: inseridas nesse contexto remoto, essas disciplinas só supririam a parte teórica. Como os estagiários lidariam com o período de observação e de regência, uma vez que as escolas da educação básica continuavam fechadas e sem um trabalho de ensino remoto adequado às necessidades para a realização de um estágio?

Diante disso, este relato de experiência mostrará a solução encontrada para a dificuldade e falaremos sobre a metodologia utilizada, descrevendo onde, quando e como ocorreu a nossa experiência.

A Ação ocorreu nos cursos de Licenciatura em Letras da UFRR, mais especificamente, na Comissão de Estágios e Práticas Docentes. A Comissão é composta por professores das disciplinas de Estágios Supervisionados, dos cursos de letras: Língua portuguesa, Literaturas, Inglês, Espanhol e Francês. A ideia inicial era suprir as necessidades do semestre de 2020.1, o primeiro a ser ofertado de modo remoto. Mas como a ideia funcionou e conseguimos alcançar nossos objetivos, decidimos prolongar a Ação enquanto perdurasse o Ensino Remoto Emergencial. Então, o projeto também foi realizado em 2020.2, em 2021.1 e, a princípio, terminará em 2021.2, uma vez que o ERE foi prorrogado para o cumprimento dos dois semestres letivos de 2021.

Presencialmente, os graduandos realizam cada estágio no período de um semestre, que é dividido em dois bimestres: no 1º, eles realizam um período de observação e no 2º, assumem a regência. Com o fechamento das escolas da Educação Básica, a maior dificuldade foi providenciar o local e o público para que os estagiários pudessem realizar suas atividades. Após inúmeros encontros e discussões, surgiu a ideia de organizar oficinas virtuais, constituídas por alunos do 6º ao 9º ano e do Ensino Médio, cujas temáticas a serem trabalhadas estariam consoantes ao conteúdo específico de cada ano. Uma vez que a atividade alcançaria a comunidade externa, resolvemos aproveitar a ideia e transformá-la em uma Ação de Extensão que foi intitulada: “Oficinas de estágio e formação docente – Integrando teorias e práticas”.

Neste sentido, os cursos de Licenciatura em Letras promoveram a Ação de Extensão, em parceria com o Núcleo de Estudos em Línguas Estrangeiras (NucELE), que, a princípio, ficou responsável pela organização da inscrição dos alunos externos e certificação das oficinas. Receberam certificados: os orientadores, os estagiários que ministrariam as oficinas e os alunos inscritos que computassem 75% de frequência.

No 1º semestre de 2020, realizado de forma remota e emergencial, os professores orientadores desenvolveram o período de discussão teórica como base para a organização das oficinas. Os graduandos, então, tiveram o suporte teórico para escreverem seu Plano de Ensino a ser executado no trabalho com as oficinas. Dentre as oficinas ofertadas, podemos citar: “Da leitura

entrelinhas à redação crítica” (Língua Portuguesa), “Brasil, qual é a tua cara?” (Literaturas), “La gotita de agua – dialogando en español” (Língua Espanhola). Após a definição de todas as oficinas que seriam ministradas por cada curso, a etapa seguinte foi a divulgação para que alcançássemos o maior número de alunos da faixa etária alvo. Terminado o período de inscrição, as oficinas foram iniciadas, seguindo o mesmo procedimento de trabalho que as aulas na graduação: encontros síncronos e atividades assíncronas. De modo geral, cada oficina teve a duração de 30h.

Por sua natureza extensionista interdisciplinar, as oficinas de estágio e formação docente apresentam-se, consoante o Plano Nacional de Extensão Universitária (PNEU), como “[...] via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico [pouco difundido; quicá conhecido].” Especificamente, as Oficinas de estágio e formação docente atendem aos seguintes objetivos (PNEU, 2001, p. 9):

1. Reafirmar a extensão universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade [da pandemia do novo coronavírus], indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;
2. Assegurar a relação bidirecional entre a universidade e a sociedade, de tal modo que os problemas sociais urgentes recebam atenção produtiva por parte da universidade.

Por esta razão, as oficinas de estágio e formação docente abrem espaço de interlocução com a sociedade civil e contemplam, direta e/ou indiretamente, objetivos presentes no Plano Estratégico Institucional 2015-2025/UFRR (Resolução 022/2016-CUni, de 20 de agosto de 2016), que, por sua vez, estabelece na página 147:

- Fortalecer e ampliar ações de formação cidadã na UFRR;
- Realizar [discussões que visem à] conscientização e promoção de Direitos Humanos e Justiça, Preservação e Sustentabilidade do

Meio Ambiente [dentre outros temas relevantes];

- Fortalecer e ampliar as ações de qualificação ofertadas aos alunos da rede pública para ingresso na UFRR;
- Fortalecer e ampliar os canais de diálogo entre a UFRR e a sociedade;
- Fortalecer e ampliar as ações de extensão que intensifiquem a integração e interação da UFRR com a sociedade;
- Fortalecer e ampliar as ações de promoção, preservação e incentivo à cultura regional; [e]
- Ofertar aos discentes qualificações complementares.

Como resultado da realização das Oficinas de Estágio e Formação Docente, como ação extensionista interdisciplinar, atendemos não só às demandas dos estagiários dos cursos de Letras, que precisavam cumprir as disciplinas obrigatórias de Estágio Supervisionado, bem como oferecemos ao público externo (em particular, estudantes do Ensino Fundamental e Médio) condições de estabelecer um diálogo sobre assuntos atuais com a socialização de conhecimentos pelo estudo de línguas e literaturas, como nos propusemos ao estabelecer nossos objetivos. Ressaltamos a relevância desse trabalho, que se configurou como um grande desafio, por ter sido realizado em meio a um momento pandêmico, na modalidade de Ensino Remoto Emergencial. Além disso, como resultado final, estamos preparando um e-book que está em fase de elaboração, com os textos dos Relatos de Experiência, apresentados nos Seminários Integrados de Relatos de Experiências em estágio de formação docente (eventos também originários do trabalho realizado na organização das oficinas). Por fim, o projeto foi apresentado no 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), realizado entre os dias 8 e 11 de março de 2021.

Essa atividade extensionista contribuiu para o fortalecimento do estágio como vertente de formação que possibilita construir a identidade, aprimorar competências e habilidades de produção e compreender a escrita e a oralidade nas discussões por meio do Ensino Remoto de Espanhol, Francês, Inglês, Português e Literatura Brasileira. A Ação de Extensão “Oficinas de Estágio e Formação Docente – Integrando teorias e práticas”, promovida pela CCL/CCLA, em parceria com o NucELE, alcançou os objetivos propostos, uma vez que possibilitou aos acadêmicos dos cursos de Letras (nas áreas de Português, Literaturas, Inglês, Espanhol e Francês) realizarem seus estágios durante o ERE, pela UFRR, para a realização do semestre 2020.1. A ideia prosseguiu nos semestres posteriores, proporcionando condições de estudo a diversos alunos de Ensino Fundamental e Médio que estavam, com pouco ou nenhum contato, com as disciplinas da grade curricular. Dentre as dificuldades encontradas, citamos a falta do contato pelo Whatsapp dos inscritos no 1º semestre. A solicitação apenas de endereço de e-mail dificultou o contato com os participantes. Algumas oficinas, com vários inscritos, nenhum compareceu quando as aulas foram iniciadas. Um grande desafio, citado pelos graduandos, foi o ineficiente funcionamento da internet no estado de Roraima.

Como anteriormente citado, os relatos de experiência serão publicados em um livro. Diante da permanência do Ensino Remoto Emergencial na UFRR, a ação foi prorrogada para a realização das disciplinas de Estágio supervisionado, com novas oficinas ofertadas ao público externo.

REFERÊNCIAS

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Plano Nacional de Extensão Universitária. Ilhéus: Editus, 2001. (Extensão Universitária, v.1).

Resolução 022/2016-CUni, de 20 de agosto de 2016). Plano Estratégico Institucional 2015-2025/UFRR.

SOMOS MIGRANTES: EXPERIÊNCIA DE UMA REDE DE APOIO A MIGRANTES E REFUGIADOS MEDIADA PELAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Gersika do Nascimento Bezerra - Jornalista da Universidade Federal de Roraima, mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom/UFPA) e membro do projeto Somos Migrantes.

Vângela Maria Isidoro de Moraes - Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Roraima. Coordenadora do projeto Somos Migrantes. E-mail: vangela.morais7@gmail.com

Carmen Alejandra Munoz Luengo - Imigrante venezuelana, membro do projeto de extensão Somos Migrantes, acadêmica do 1º semestre de Estética e Cosmetologia, na Faculdade Claretiano.

Laiwany Adairalba Dantas - Acadêmica do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima e bolsista do projeto Somos Migrantes.

Lisiane Machado Aguiar - Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Roraima. Membro do projeto Somos Migrantes. E-mail: lisiaguiar@gmail.com

Timóteo Westin de Camargo César - Professor do curso de Jornalismo e membro do projeto Somos Migrantes. E-mail: timcamargo@gmail.com

Esse relato é de uma caminhada que busca ir ao encontro de imigrantes e refugiados que chegam em Boa Vista. No caso dos venezuelanos, maioria da população estrangeira em Roraima, uma jornada de 215 quilômetros na BR-174, considerando a distância entre Pacaraima, primeira cidade ao Norte do Brasil que faz fronteira com a Venezuela, até a capital Boa Vista (RR). Partindo da característica humana de se movimentar, apresentamos a trajetória do projeto Somos Migrantes, uma ação de Extensão que visa se constituir em uma rede de apoio aos imigrantes e refugiados em Roraima.

Considerando o fluxo migratório de venezuelanos para Roraima, iniciado em 2015, agravado a partir de 2016 e com pico em 2018 (BEZERRA e MORAIS, 2018), o Somos Migrantes realiza um movimento de inserção e difusão de informações pelas plataformas digitais, ocupando o ciberespaço.

A ideia da plataforma digital e das Redes Sociais surgiu, inicialmente, devido à necessidade de organizar um conjunto de ações de apoio aos imigrantes e dados pesquisados no âmbito do Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras (Geifron) da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Posteriormente, a proposta expandiu-se no contexto das experiências do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Ampliando a rede de solidariedade

As primeiras ações de apoio aos imigrantes e refugiados em Roraima partiu da sociedade civil organizada, por meio de instituições religiosas e educacionais, que buscou meios para amenizar as dificuldades daqueles que chegam em estado

de vulnerabilidade. Nesse contexto, atividades desenvolvidas no âmbito da UFRR foram fundamentais no processo de acolhimento.

O projeto Somos Migrantes iniciou em 2017, por meio do site somosmigrantesrr.org e do blog somosmigrantesrr.blogspot.com que divulgavam informações sobre o processo migratório, locais de acolhimento, campanhas solidárias, cartilhas, ações de parceiros e um conjunto de notícias sempre na perspectiva da proteção, dos Direitos Humanos e da inserção dos imigrantes em Roraima, combinando ações sociais à pesquisa acadêmica. Após algumas descontinuidades, em agosto de 2021, essa iniciativa foi institucionalizada como um projeto de Extensão e passou a priorizar publicações para as redes sociais Instagram e Facebook. O site segue em fase de reformulação.

Apoiado pela Diretoria de Extensão da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (Prae) da UFRR, o Somos Migrantes conta com 31 pessoas envolvidas. A composição do projeto é formada por professores dos cursos de Jornalismo, Ciências Sociais e História, discentes, técnicos administrativos e membros imigrantes.

Ressaltamos que o surgimento da pandemia da COVID-19 impôs o distanciamento social, além de várias outras limitações, mas, ao mesmo tempo, a internet transpõe os limites territoriais e ultrapassa diversas barreiras, chegando às populações migrantes e aos grupos de acolhimento, levando informações sobre legislações, Direitos Humanos, iniciativas de solidariedade etc. Assim, o uso das plataformas digitais tornou-se ainda mais frequente e necessário na difusão de conteúdo.

Desde que retomou as atividades, o projeto de Extensão realizou 40 postagens nas redes sociais. O conteúdo conta com a co-criação dos imigrantes e inclui informações sobre Direitos Humanos, Saúde Mental, Relatos de Experiência, Produção Cultural, entre outros temas. As postagens seguem um cronograma de publicação que inclui conteúdos em vídeos (Reels e IGTV), fotografias, imagens e textos.

Conteúdo recente ↓	Tipo	Alcance	Curtidas e reações
		78	4

Conteúdo do Facebook

Fonte: Business Suite, em 23 de outubro de 2021.

No perfil do Somos Migrantes no Facebook, 582 pessoas curtiram a página e 589 seguem a página. As publicações com melhor desempenho foram aquelas que direcionaram o público para notícias sobre o projeto. A postagem “Cineasta venezuelana produz série audiovisual sobre indígenas migrantes da Venezuela”, por exemplo, alcançou 78 pessoas.

O Instagram tem apresentado aumento de visualizações e seguidores, conforme é atualizado. Ressaltamos que este crescimento se deu de forma orgânica. Ou seja, espontaneamente, sem estratégias pagas. Atualmente, conta com 201 seguidores efetivos. Percebemos, especificamente no Instagram, que as publicações em vídeo com o relato de imigrantes tiveram maior alcance e engajamento do público. Como referência, destaca-se o vídeo publicado, no dia 26 de agosto de 2021, em que a imigrante venezuelana Carmen Luengo conta sua história e experiência migratória, com 2.659 impressões, 2.127 contas alcançadas, 99 curtidas, 25 comentários, 34 compartilhamentos e 4 salvamentos, sendo reproduzido 694 vezes.

Carmen Luengo tem 19 anos e migrou para Boa Vista em abril de 2018. Ela conta um pouco sobre sua experiência no projeto:

A experiência no Somos Migrantes tem sido acolhedora, cheia de sentimentos bons. O fato de mostrar para as pessoas, outra perspectiva dos imigrantes me deixou entusiasmada e muito feliz. Através dos conteúdos e vídeos percebi que temos alcançado isso, é muito difícil se sentir acolhida em um país que não é seu país natal, mas através desse projeto eu me senti assim, acolhida. A produção dos conteúdos é muito bem pensada e executada, todos que fazem parte do grupo têm um olhar de empatia à causa. Desejo que o projeto continue crescendo. É muito importante mostrar às pessoas outra perspectiva da imigração, dessa forma conseguiremos combater a xenofobia.

Observou-se que um post no Instagram, em vídeo, sobre xenofobia publicado no dia 13 de setembro, chegou a ter 4.071 visualizações e recebeu 35 curtidas e três comentários, com 367 contas alcançadas.

Conforme a ferramenta Business Suite de análise do Facebook e do Instagram, a página chega majoritariamente a Boa Vista, mas também transpõe fronteiras chegando a outras cidades do País, como Recife, João Pessoa, São Paulo e Belém, e do mundo, como Colômbia, Venezuela e Espanha.

O projeto realiza ainda a interlocução com as atividades de ensino, por meio da disciplina de Jornalismo Comunitário, do curso de Comunicação – Jornalismo (UFRR), que orienta outros formatos jornalísticos não-hegemônicos, priorizando os processos de comunicação como expressão



Postagens do Projeto Somos Migrantes

Fonte: Reprodução do Instagram @somosmigrantes.rr

de cidadania e de intervenção nas realidades dos segmentos socioculturais mais desassistidas pelos poderes públicos.

Em setembro de 2021, o projeto Somos Migrantes foi convidado a compor a equipe organizadora do I Encontro Nacional de Extensão Universitária com Imigrantes e Refugiados, passando a fazer parte da Rede Reunir e mapeando ações semelhantes no Norte do Brasil.

tricada rede de processos migratórios internos, resiste por meio de seus agentes públicos, de modo geral, e de uma grande parcela de sua população a compreender essa involuntária mobilidade humana na fronteira Venezuela-Brasil como um desafio a ser equacionado COM e não CONTRA os migrantes venezuelanos.

Como dissemos, nos primeiros momentos desse processo, foi a sociedade civil organizada que buscou meios para amenizar as dificuldades daqueles que chegam em estado de vulnerabilidades, indocumentados, sem recursos financeiros, sem segurança alimentar, habitacional e de saúde. Nesse contexto, a UFRR também historicamente erguida com a contribuição de muitos migrantes brasileiros e de outras nacionalidades passou a sistematizar ações de acolhimento.

Espera-se que o Somos Migrantes se torne referência e local de protagonismo onde os imigrantes e refugiados venezuelanos possam

construir suas narrativas, numa teia de colaboração entre eles, alunos, técnicos e professores da UFRR. Assim, a educação em suas diferentes frentes, incluindo os dispositivos tecnológicos de comunicação, vive o princípio da solidariedade que deve ser a base de todo saber.

Entendemos que o princípio solidário deve reger o trabalho humano, especialmente no campo educacional e da produção de conhecimento. Essa forma de atuação comunicativa voltada aos (e com os) imigrantes e refugiados em Roraima permite acionar outros campos semânticos, dificilmente pautados pelos meios tradicionais de comunicação. São formatos que passam a ser sugeridos e dinamizados pelos integrantes do projeto em reuniões semanais e que conta com as potencialidades dos dispositivos digitais. “A tecnologia é um vetor impulsor das ações humanas, industriais, institucionais e mercadológicas e, tem, portanto, um papel importante nos processos de mudança das sociedades” (PERUZZO, p. 45, 2018).

Com o fortalecimento da ação de Extensão, fazendo chegar informações apuradas e em linguagem acessível, esperamos que o projeto Somos Migrantes seja reconhecido como um canal de expressão social e cultural para os migrantes e refugiados e à sociedade de acolhimento, com base no princípio de que a comunicação é um direito fundamental e base para o exercício da cidadania. Dessa forma, as razões que movimentam o Somos Migrantes se baseiam na importância de promover um espaço de discussão e prática comunicacional sobre o processo migratório e seus sujeitos no interstício da universidade e da sociedade.

REFERÊNCIAS

BRAIGHI, Antônio; CÂMARA, Marco. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco (org.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. p. 25-42.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade Estadual de Barcelona, Espanha, 2002.

PERUZZO, Cicília. Cidadania comunicacional e tecnopolítica: feições do midiativismo no âmbito dos movimentos sociais populares. In: BRAIGHI, Antônio; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco (org.). Interfaces do midiativismo: do conceito à prática. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. p. 43-61.

TERTÚLIA LITERÁRIA FEMINISTA: PRÁTICA FORMATIVA E PEDAGÓGICA

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Martha Julia Martins - Doutora em Estudos Linguísticos e Literários do Inglês pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Thami Amarilis Straiotto Moreira - Doutora em Semiótica e Linguística Geral pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

A gênese do projeto de extensão “Feminismo na Universidade” deu-se em 2019, antes da pandemia de COVID-19. A ideia original tinha como base uma série de minicursos e palestras de teor educativo e introdutório voltado para diversas áreas, mais especialmente, aquelas cujo exercício de suas funções exigem convivência e interação com mulheres vítimas de violência, como enfermeiros/as, médicos/as, profissionais da área policial, como atendentes de delegacia, etc., além dos alunos dos cursos de Letras interessados em conduzir, futuramente, pesquisas de graduação ou Mestrado.

Entretanto, com a eclosão da pandemia de COVID-19, as duas proponentes precisaram adaptar, as atividades oferecidas no projeto, uma vez que as restrições sanitárias exigiram. Assim, o projeto “Feminismo na Universidade” já nasce em formato de tertúlia literária (no estilo clube do livro) e remoto, tendo início a partir de julho de 2020. A divulgação foi feita inteiramente via WhatsApp, com cartazes confeccionados pelas pesquisadoras, às vezes com o auxílio de alunos, e as inscrições foram feitas a partir de formulário do Google que também serve de controle de presença. Os encontros foram conduzidos por meio do Google Meet e as edições versaram sobre: I edição (julho-outubro de 2020): textos teóricos na área de Estudos de Gênero / Feministas; II edição (abril-junho de 2021): textos teóricos e

obras de ficção, e a edição atual (agosto-outubro de 2021): textos exclusivamente literários.

Na seção seguinte, trataremos da metodologia aplicada nos encontros virtuais; logo em seguida, faremos uma breve discussão sobre a ação extensionista como prática formativa feminista, e, por fim, traremos algumas considerações finais sobre a experiência de se conduzir tal prática na Universidade durante o período de ensino remoto.

DEBATE FEMINISTA: UM BREVE PERCURSO METODOLÓGICO

Os encontros, que ocorreram telepresencialmente via sala do Google Meet, tiveram duração de cerca de 2 (duas) horas e funcionaram no formato de Tertúlia Literária, em que a figura do mediador inicia o diálogo, ao abordar um panorama sobre a obra analisada, o/a autor/a, o contexto em que a obra se insere e finaliza com considerações que suscitem a interação com os participantes. Após esse momento inicial, que também funciona como um aquecimento para a discussão, os participantes se inscrevem para falar, usando o chat do Google Meet ou o mecanismo da própria plataforma chamado “levantar a mão”.

As coordenadoras do projeto e as professoras convidadas/mediadoras mantêm suas câmeras abertas durante todo o encontro, para que a interação seja mais dinâmica e agradável. Os participantes, também, são encorajados a permanecerem com suas câmeras ligadas, pois no entendimento das coordenadoras, o ambiente virtual torna-se menos distante e a interação mais prazerosa para todos/as os/as envolvidos/as. Quando as câmeras estão desligadas, torna-se impossível para as professoras e mediadoras receberem algum tipo de feedback dos participantes – um sorriso, um balançar de cabeça ou qualquer outro gesto que indique aceitação e compreensão do que está sendo discutido virtualmente.

Como a interação é feita em formato de Tertúlia Literária, todas as falas dos participantes são bem-vindas, contanto que sejam respeitosas e amigáveis, além de condizentes com o tema proposto e a obra trabalhada durante o encontro. A proposta é que os envolvidos façam inferência a leituras prévias – inclusive as que foram trabalhadas no projeto – e consigam correlacionar com suas próprias pesquisas e áreas de interesse. São desencorajadas falas prolongadas com relatos pessoais, pois além de tomarem muito tempo do debate, roubam o turno daqueles que também gostariam de contribuir, focando pouco na análise da obra propriamente dita.

O debate ideal é aquele em que cada participante pode contribuir de forma sucinta, algo em torno de 10-15 minutos por vez, que esse consiga escutar com consideração e respeito a seus colegas de sala virtual, pois a aprendizagem, nesse tipo de atividade formativa, surge do compartilhamento de visões e conhecimento, a partir da leitura crítica do texto proposto, pois, como bem aponta Dalvi (2013, p. 68, grifo do autor), “literatura não se ensina, se lê, se vive – e que, portanto, o que possa ser ensinado seja algo ‘sobre’ literatura e não literatura ‘propriamente dita’”.

Outra questão metodológica importante é a escolha das obras. Nessa terceira edição do projeto “Feminismo na Universidade”, as obras escolhidas foram pensadas levando em conta: (i) o tamanho da obra, pois deveriam ter no máximo 350 páginas, uma vez que os leitores deveriam ler em um prazo curto, pois os encontros são quinzenais; (ii) a escrita feminina / feminista, visto que essa é a proposta inicial do projeto, discutir obras que suscitem o debate em torno das questões femininas, de gênero e de sexualidade; (iii) as obras deveriam contemplar tanto literaturas estrangeiras (anglofônica, hispanofalante) quanto nacional.

Sendo assim, para essa edição, foram escolhidas as seguintes obras:

- Identidade, da estadunidense Nella Larsen;
- A praça do diamante, da catalã Mercè Rodoreda;
- O olho mais azul, da estadunidense Toni Morrison;
- Amora, da brasileira Natália Polesso;
- Conversa entre amigas, da irlandesa Sally Rooney.

A mediação do livro Identidade foi feita pela coordenadora do projeto, Martha Julia Martins de Souza, enquanto A praça do diamante foi mediado pela coordenadora adjunta da ação Thami Amarilis Straiotto Moreira, ambas da UFRR. O olho mais azul teve mediação da docente Adriana Araújo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Posteriormente, as obras Amora será mediada pela professora Renata Gomes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Conversas entre amigas pela docente Mariana Bolfarine da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

O projeto conta também com a participação de uma bolsista, selecionada mediante Edital nº 007/2021-PAE/PRAE/UFRR. A acadêmica é responsável por controlar o chat do Google Meet e auxiliar na divulgação das ações do projeto em redes sociais, como o Instagram do projeto (cf. Figura 1). O perfil do Instagram mostra algumas publicações que anunciam as ações do projeto, a fim de servir como um meio de comunicação entre potenciais interessados na Extensão.

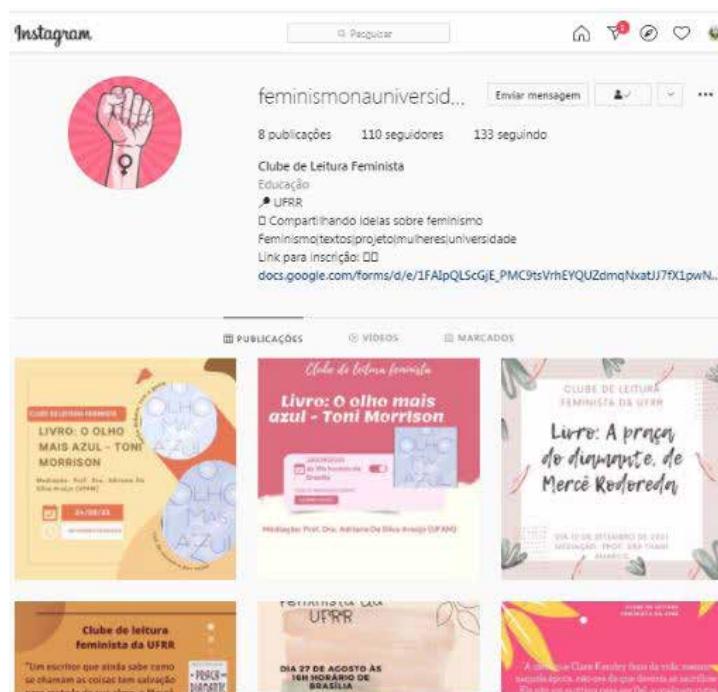


Figura 1: Instagram do projeto Feminismo na Universidade
Fonte: Acervo pessoal do projeto

Todos os textos foram escolhidos de acordo com a temática do grupo de pesquisa do CNPq e o Grupo de Estudos de Gênero (GREG), apresentando correlação com as temáticas de pesquisa das coordenadoras, além de dialogarem com situações reais vivenciadas por mulheres em seu

dia a dia, em consonância com questões relacionadas à raça, classe e gênero, em que os principais objetivos são aqueles que Dalvi (2013), ao analisar o contexto escolar, aponta como essenciais ao se trabalhar Literatura em ambientes educacionais, quais sejam:

1. garantir a (ou se esforçar pela) apropriação das ferramentas críticas para o fortalecimento do leitor;
2. democratizar as salas de aula de literatura;
3. reconhecer o poder político-pedagógico da literatura” (Dalvi, 2013, p. 76).

ESTUDOS FEMINISTAS E EXTENSÃO FORMATIVA

A ação extensionista apresentou aspectos positivos e negativos. Dentre as características positivas é possível citar a promoção de parcerias entre a UFRR e docentes de outras instituições; maior visibilidade dos projetos do GREG, que devido a pandemia, puderam ser realizados de forma remota, atraindo participantes de instituições de outros estados. Além disso, o projeto é uma oportunidade para o letramento feminista, de conscientização, formação de docentes e alunado mais críticos e sensíveis às causas da desigualdade estrutural de gênero e suas violências materiais, físicas e simbólicas.

A iniciativa propiciou a alunos/as e professoras um espaço confortável de alívio em tempos tão difíceis, em meio ao isolamento social e à pandemia, para ler e compartilhar leituras. Ademais, muitos participantes relataram que o projeto fomentou um compromisso de ler um livro a cada 15 (quinze) dias, promovendo um hábito saudável que culmina nos encontros para compartilhamento e diálogo em torno da obra. As reuniões eram descontraídas e ofereciam a oportunidade de aumentar o repertório acadêmico e literário dos participantes envolvidos/as.

Ademais, como bem aponta bell hooks, é importante aliar o conhecimento da teoria a ações que aproximem mulheres a realidades de outras mulheres, pois para a autora “experiências pessoais são importantes para o movimento feminista, mas não podem substituir a teoria” (hooks, 2019, p. 64-65). Dessa forma, o projeto aqui apresentado busca aliar a descontração dos encontros

literários, em formato de clube do livro, com o conhecimento formal acerca do pensamento contemporâneo nas questões de raça, classe e gênero de forma interseccional, decolonial, antiliberal, anticapitalista e antihegemônica.

O presente Relato apresentou as principais características do projeto de Extensão “Feminismo na Universidade”, ação promovida pelo GREG ligado ao CNPq.

Foram apresentadas as dinâmicas, os livros usados, as participantes envolvidas na ação e os principais objetivos da atividade. Além disso, foi exposto a relevância desse projeto para o alunado e para as pesquisadoras envolvidas.

Os principais desafios foram apontados, assim como a relevância da atividade para a formação crítica e pedagógica dos/as participantes. Este projeto justifica-se não apenas devido ao seu valor acadêmico, pedagógico e formativo, mas também, por contribuir para interromper discursos de preconceito, ódio e intolerância contra mulheres e pessoas não-binárias que sofrem as mais variadas violências na comunidade em nosso entorno. Além disso, olhar para a Literatura como um espelho da sociedade e refletir as condições de desigualdades estruturais e históricas em que mulheres e indivíduos não-binários estão submetidos há gerações, ajudam-nos a fazer sentido de nosso lugar no mundo, como mulheres, pesquisadoras e professoras em uma Instituição Pública Federal brasileira.

REFERÊNCIAS

- DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita (org). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Editora Parábola, 2013.
- hooks, bell. *Teoria Feminista: da Margem ao Centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LARSEN, Nella. *Identidade*. Harper Collins, 2020.
- MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Companhia das Letras, 2019.
- POLESSO, Natalia. *Vó, a senhora é lésbica?*. In: *Amora: Não* Editora, 2015.
- RODOREDA, Merce. *A praça do diamante*. Planeta, 2019.
- ROONEY, Sally. *Conversas entre amigos*. Alfabuara, 2017.

RODAS DE CONVERSA “SOBRE-VIVÊNCIAS” - ESCOLA E FAMÍLIAS NA PANDEMIA

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Marcelo Naputano - Doutor em Psicologia Social pela Universidade Estadual Paulista – UNESP.

Alexandra de Oliveira Rodrigues Marçulo - Doutora em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

Maria Andrelina do Nascimento Oliveira Gonçalves - Mestre em Saúde pela Universidade Federal de Roraima – UFRR.

Robélia Cristina Saraiva Hahn - Especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico pela Faculdade Internacional de Curitiba – FAINTER.

Vanessa de Paiva Campos - Psicóloga pela Universidade Federal de Roraima – UFRR.

Em 2020, ocorreu a pandemia pelo Coronavírus, que trouxe várias transformações políticas, econômicas e sociais em todo o mundo. Na ocasião, o atual diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, denominou-a como uma emergência de saúde pública de importância internacional, o mais alto nível de alerta dessa organização. As orientações da OMS têm sido baseadas na higiene pessoal e nos locais de trânsito de pessoas, distanciamento social mínimo de dois metros e a permanência em casa por maior tempo possível.

As instituições educativas tiveram a difícil tarefa de promover a continuidade da educação em seus diversos aspectos de desenvolvimentos cognitivos relacionais e, ao mesmo tempo, proteger docentes, funcionários, discentes e familiares. Para enfrentar essa situação de emergência, a solução encontrada foi a elaboração do ensino remoto, segundo a Portaria do MEC nº 544, de 17 de junho de 2020, publicada no Diário Oficial da União.

A normativa foi desafiadora para os educadores e alunos, principalmente, na adoção de novas tecnologias. Dentre as dificuldades está em conciliar as atividades domésticas com a educação dos filhos em casa, por meio das atividades de modo remoto.

Esse contexto provocou aumento do sofrimento psíquico e atenção psicossocial durante o isolamento social. Os projetos de atenção psicossocial são uma possível resposta, ainda que parcial, à atual condição “pandêmica” que, infelizmente, ainda não vislumbra uma condição passageira.

A Psicologia move-se em ações de acolhimento aos novos desafios, que provocam o atual sofrimento psíquico, manifestado por muitas pessoas em nossa comunidade e, em particular, nas comunidades educacionais que foram nosso foco de ação (NAPUTANO, 2017).



Neste contexto, criamos o projeto de Extensão “Rodas de conversa sobre-vivências” – Escola e Famílias na Pandemia”, no Colégio de Aplicação (CAp/UFRR) e no Instituto Federal de Roraima (IFRR), com encontros virtuais que possibilitassem um espaço de escuta e compartilhamento de vivências. A proposta nasceu a partir da demanda de uma Organização Não-governamental (ONG), que solicitou o atendimento psicológico para pessoas adoecidas durante a pandemia.

A Psicologia é uma área multifatorial e multifuncional. Na clínica individual, há um sentido epistemológico e prático de ser, mas que não pode ser compreendido como única possibilidade. Como uma ciência comportamental, trabalha no âmbito da formação humana, na construção de uma subjetividade capaz de atuar na prevenção ao sofrimento psíquico.

Ao ofertar a Roda de Conversa, a ação permitiu o compartilhamento de vivências em momento pandêmico, construindo, por meio da mediação entre psicólogos e público-alvo, um processo para manutenção da saúde mental como construção coletiva (WITTGENSTEIN, 1967). Após o contato com as instituições de ensino, organizamos um calendário dos encontros virtuais, no qual foram disponibilizadas às inscrições, aos interes-

sados, por meio da plataforma Conferência Web .

Com carga horária de 40 horas, distribuídas em reuniões de supervisão com os promotores e 10 Rodas de Conversa, com 2 horas de duração cada, o projeto foi coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Naputano, e contou com a presença da Prof.^a Dra. Alexandra de Oliveira Rodrigues Marçulo e do Prof. Me. Emílio Luiz Faria Rodrigues – todos na qualidade de mediadores do encontro – e a participação da discente Vanessa de Paiva Campos, colaboradora e formanda em Psicologia da UFRR, além da presença de pais e filhos da comunidade vinculada à instituição. A ação também foi mediada pela psicóloga Me. Maria Andreina do Nascimento Oliveira Gonçalves e a Prof.^a Robélia Cristina Saraiva Hahn, além da presença de pais e filhos da comunidade vinculada à instituição.

O objetivo geral foi criar um espaço de intervenção psicológica preventiva e criativa, com base socioconstrucionista e sistêmica relacional. Do ponto de vista específico, facilitamos as relações interpessoais, por meio do compartilhamento de vivências, e sensibilizamos o público sobre a importância dos cuidados com a Saúde Mental e a promoção do autoconhecimento.

Com o nosso projeto “Rodas de Conversa Sobre-vivências – Escola e famílias na pandemia”, contribuimos com uma ação prática e uma reflexão sobre uma modalidade de intervenção psicológica construcionista social e sistêmica relacional, que coloca em evidência a Psicologia, enquanto uma ciência e profissão relacionada à prevenção ao sofrimento psíquico.

As Rodas de Conversa foram realizadas com base nas duas teorias citadas, como os elementos construtores de uma epistemologia das relações humanas a posteriori, ou seja, construções teóricas que manifestam uma forte conexão entre si, na consolidação de uma análise, e intervenções sociais baseadas em seus processos de criação de significados ontológicos, a partir do locus concreto de inscrição dos sujeitos, por meio das relações e das ações coletivas (NARDONE & WATZLAWICK, 2015).

As atividades foram baseadas em princípios/reflexões, a saber: o princípio de que “falar em relação” não é o mesmo que “ter uma relação”; a constatação de que as relações psicológicas, como relações humanas, devem ser reais e não ideais; o direito a relações humanas ambivalentes; a compreensão de que os possíveis significados das relações não são anteriores a elas, em sua dinâmica de conflitos e resolução pacífica desses conflitos, e, por fim, o princípio de que, no universo das negociações relacionais, interpretar não é entender.

Os resultados possibilitaram a melhoria das relações interpessoais e o compartilhamento de vivências pandêmicas, por meio de nossa mediação, que fortaleceram o lugar da Psicologia enquanto uma ciência e uma profissão que pode atuar efetivamente em projetos de prevenção ao mal-estar psíquico na construção de uma saúde mental para todos. (PARTON & O’BYRNE, 2005).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec, 2006.

BRASIL. PORTARIA Nº 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Brasília: Casa Civil, 2020. Disponível em: <<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3185/portaria-mec-n-544-2020>>. Acesso em: 25 de Janeiro de 2021.

GERGEN, K. J. Movimento do construcionismo social na psicologia moderna. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.6, n.1, 2009, p. 299-325, Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n1p299>>. Acesso em: 05 de Março de 2021.

NARDONE, G. & WATZLAWICK, P. L’arte del cambiamento. La soluzione dei problemi psicologici personali e interpersonali in tempi brevi. Milano : Ponte Alle Grazie, 2015, p 13-29.

NAPUTANO, M. Intervenções psicossociais com jovens migrantes das segundas gerações na Itália. (Tese Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP. Orientador: Dr. José Sterza Justo, Assis, 2017. 235 f. + anexos.

PARTON, N. & O’BYRNE, P. Costruire soluzioni sociali. Costruzionismo e nuove pratiche di lavoro sociale. Trento: Centro Studi Erickson, 2005.

WITTGENSTEIN, L. Ricerche Filosofiche. Torino: Einaudi, 1967.

CONEXÃO FOTOCRIAÇÃO NOS ENCONTROS CRIATIVOS VIRTUAIS E AFETIVOS DA BRINQUEDOTECA

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Larissa Silva Gonçalves - Doutora em Sociedade e Cultura pela UFAM. Professora Adjunta Curso de Artes Visuais UFRR. Coordenadora Geral Programa de Extensão Brinquedoteca CriAção – Laboratório do Brincar.

Laryssa Vilela Gomes - Graduanda Curso Artes Visuais da UFRR. Monitora voluntária Programa de Extensão Brinquedoteca CriAção - Laboratório do Brincar.

O Programa de Extensão Brinquedoteca CriAção - Laboratório do Brincar em atuação desde 2018, envolve atividades estéticas, artísticas e lúdicas, voltadas para a comunidade acadêmica e em geral. Dentre suas ações, se destacam os Encontros CriAtivos com diversas linguagens artísticas, em espaço próprio no Centro de Educação e no Laboratório de Cerâmica, do Curso de Artes Visuais da UFRR. E os Seminários de Sensibilização do Potencial CriAtivo realizados semestralmente, com convidados locais e internacionais. Em seus anos de existência, o Programa já recebeu mais de 100 pessoas, dentre elas crianças, jovens, adultos e idosos, nas atividades, que até 2019 foram realizadas presencialmente na UFRR. Com o reconhecimento pela Organização Mundial de Saúde, do estado de pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 e em função dos Planos de Segurança de Saúde adotados pelas instituições de ensino, as atividades presenciais foram suspensas e diante do apelo das famílias, que já participavam das atividades presencialmente e que sentiam falta dos Encontros CriAtivos, passamos por um período de readequação criativa e instrumentalização em ferramentas tecnológicas virtuais, para propor ações em formato remoto. Assim, no primeiro semestre de 2021 iniciamos com os Encontros Criativos Virtuais e Afetivos, que culminaram com a realização da atividade Conexão Fotocriação, proposta pela acadêmica do Curso de Artes Visuais e monitora voluntária da Brinquedoteca CriAção, Laryssa Vilela. É o Relato desta Experiência, que compartilhamos nas próximas linhas.

No mês de abril de 2020 eram encerradas as atividades presenciais do Programa de Extensão Brinquedoteca Criação – Laboratório do Brincar, devido ao contexto de saúde que nos assola até hoje. Desde então ficamos sentindo e pensando, como retomar as atividades com a vitalidade da vivência nos espaços concretos, por onde as crianças circulavam, brincavam, criavam na UFRR. Como a experiência com o espaço físico da Brinquedoteca não nos é permitida no momento, resolvemos apostar na nutrição do espaço afetivo, que na realidade é o que nos alimenta.

Assim, motivadas por reencontrar as crianças, que conhecemos e queremos conhecer, em partilha de momentos sensíveis-lúdico-expressivos, decidimos retomar os Encontros CriAtivos da Brinquedoteca Criação, de maneira remota, no primeiro semestre de 2021. Os Encontros aconteceram quinzenalmente, entre os meses de abril e maio, no horário das 10 às 11h, pela plataforma virtual Google Meet. Para divulgação das atividades foi criada uma página na mídia social Facebook, com o nome do Programa de Extensão. E para inscrição foram compartilhados Formulários via Workspace Google, onde além dos dados pessoais, registrou-se o aceite para cessão de direitos de imagens, dos trabalhos realizados ao longo dos encontros. O acervo visual se completou, com a partilha das imagens dos trabalhos desenvolvidos pelos participantes, no Grupo de WhatsApp Galeria Brinquedoteca Criação, criado como mais um lugar de trocas virtuais, entre os participantes.

Os Encontros CriAtivos, tanto presencial quanto virtualmente, são abertos e de livre participação para crianças, jovens, adultos e idosos, interessados em partilhar a Criação. Em cada Encontro Virtual e Afetivo, uma palavra geradora era lançada visando movimentar o diálogo entre os participantes e especialmente, para pesquisar os sentidos que as crianças manifestavam, sobre cada palavra. No primeiro Encontro conversamos sobre a delicadeza, no segundo a palavra geradora foi tranquilidade, no terceiro pesquisamos sobre a bondade e encerramos o primeiro semestre de atividades remotas, com a palavra amor. Muito teríamos para comentar sobre os resultados de cada encontro, mas pelos limites deste texto, nos deteremos no último, realizado dia 24 de maio de 2021, que contou com a participação da acadêmica Laryssa Vilela.

A acadêmica do curso de Artes Visuais da UFRR, durante a disciplina Arte e Formação da Criança, mostrou-se interessada em realizar proposição de atividade criativa, com as crianças da Brinquedoteca. E o fez reunindo dimensões da linguagem tecnológica, com a fotografia, para experimentar vivência criativa com o tema Conexão Fotocriação. A atividade caracterizou-se como uma proposta lúdica, interativa, sensível e virtual, que foi planejada de início tendo em vista a questão do espaço virtual a ser desenvolvida, os possíveis participantes, as metodologias e possibilidades de aprendizagem. A realização ocorreu por meio de sala virtual, criada na plataforma de videochamada Google Meet estando presentes a professora Larissa Gonçalves, a acadêmica Laryssa Vilela, as crianças e seus responsáveis, em um total de treze participantes. O grupo de WhatsApp Galeria Brinquedoteca Criação foi ferramenta de apoio importante, durante a realização da atividade, ajudando na interação entre os participantes, compartilhamento do link da atividade e auxílio caso alguém precisasse.

A metodologia utilizada resultou de pesquisa da acadêmica, de referenciais sobre o desenvolvimento criativo da criança, embasado no estudo de Lowenfeld (1977) e Educação Estética, com base nos estudos da Pedagogia Waldorf (LANZ, 2013). Ambos referenciais relacionam a arte-educação com a autoexpressão, tendo em vista o desenvolvimento do potencial criador e de liberdade expressiva da criança, priorizando o protagonismo de meninas e meninos. Nestas propostas teórico-metodológicas, o adulto/educador atua como auxiliar de um processo, que é vivenciado em conjunto com as crianças. É importante esclarecer que essas metodologias são tendências progressistas libertadoras, que propõem a transformação dos indivíduos, levando a educação artística como instrumento de mudança.

No início da atividade Conexão Fotocriação foi apresentado um vídeo criado pela acadêmica, disponível em seu canal no YouTube Laryssa Vilela, com a apresentação da proposta e o convite à participação. Todos os participantes assistiram o vídeo, por meio do compartilhamento da tela e, ao término, a monitora realizou um resumo apresentando palavras-chaves a serem imaginadas pelos participantes. Estas palavras eram o mote para compor elementos visuais, que os participantes

tivessem afinidade e que representassem para eles, a palavra proposta. Qualquer objeto pôde ser manipulado e explorado, para a criação da imagem. Durante intervalos de aproximadamente cinco minutos, todos os participantes, crianças e adultos, se organizavam e preparavam sua composição para a foto, registrada através da captura de tela no computador. Cada nova composição, fruto de nova palavra, gerava novo registro e, ao final de todas as capturas, foi feita uma montagem através de colagem, no software Adobe Photoshop, reunindo as capturas de tela ao longo do processo e palavras geradoras, com o resultado a seguir:



Figura 1: Resultado Encontro Conexão Fotocriação
Crédito: Laryssa Vilela. Fonte: Acervo Pessoal.

Todo o processo foi vivenciado coletivamente, quer dizer com crianças e adultos criando conjuntamente. Conforme indicam os referenciais teóricos da proposta, o desenvolvimento intelectual cognitivo, resulta das experiências sensíveis e lúdicas, vivenciadas desde a mais tenra idade (LANZ, 2013). E estas vivências serão tanto mais significativas, quanto mais liberdade tenham as crianças, para experimentarem momentos criativos e afetuosos (LOWENFELD, 1977). A afetividade por sua vez, se desenvolve em meio a conexões intergeracionais e com o meio sociocultural e natural,

caracterizando a importância de encontros entre gerações distintas, em variadas situações (GONÇALVES, 2018). Se, em virtude da pandemia, vivenciamos o isolamento social, a afetividade pode continuar sendo nutrida, por meio de encontros mediados pela tecnologia. Trazer a linguagem fotográfica, como tema do último Encontro CriAtivo da Brinquedoteca CriAção foi uma maneira de exercitar a percepção, sobre os processos de produção de imagem, reunindo a dimensão afetiva, fomentada pelas palavras geradoras e pelos afetos com os objetos, que serviram para composição dos cenários registrados nas fotografias.

Elementos da linguagem fotográfica foram sensibilizados, ao chamar atenção para as imagens das câmeras do celular e do computador, que funcionam como “espelho”, um reflexo do semblante dos participantes, do espaço, símbolos e figurações, escolhidos durante a proposta de atividade. Saliu-se que as imagens criadas no encontro, por meio das câmeras do computador, seriam representações, ou seja, outras imagens, para demonstrar as palavras e ideias, de maneira diferente, ao utilizar a manipulação da câmera fotográfica. A fotografia do cotidiano é diferente do exercício de manipular uma foto, com intenções lúdicas e artísticas. A câmera do fotógrafo está vinculada ao seu meio social, econômico, estético e ao objetivo de realização da imagem. (SONTAG, 2004)

Este aprofundamento não era o foco da atividade realizada, mas sim a sensibilização das potencialidades do registro fotográfico, possível de ser experimentada pelo material que temos e que estamos utilizando com bastante frequência durante a pandemia, que são as câmeras do computador e celular. Existem vários tipos de câmeras, que podem ter funções e resultados diferentes, uma câmera de celular, por exemplo, tem mais facilidade de manuseio e deslocamento, podendo também ser explorado ângulos e contrastes de luz. O objetivo da atividade não foi apenas de um registro, das cenas individuais criadas por cada participante, mas sim, a criação de uma imagem do conjunto.

Trabalhamos em uma plataforma com recursos limitados de edição de imagem, no entanto, a realização da atividade Conexão Fotocriação apresentou soluções criativas, ao explorar as possibilidades da fotografia a distância e virtual, em composição com elementos gráficos, para compor uma imagem integrada. E os resultados sensíveis, criativos e intelectuais, deste processo, apresentaremos a seguir.

As crianças foram espontâneas durante o processo, ao compartilhar sensações e impressões de seu ambiente pessoal, em um ambiente virtual, buscando afinidade com as palavras. Durante a atividade não foram feitas muitas perguntas, pois as crianças participaram com bastante desenvoltura. Demonstraram segurança e motivação com as proposições, agindo de acordo com seu impulso expressivo. As proposições se seguiam e a cada tema, as crianças se entusiasmavam mais com a brincadeira. Algumas tinham o seu tempo para criar e isso foi respeitado, para oportunizar maior segurança na criação. A brincadeira não era uma competição, de quem faria a melhor imagem, mas sim de como os temas impulsionavam, os processos de sensibilização e criação.

O exercício da ludicidade com a fotografia virtual, dialoga com o desenvolvimento da imaginação e bem-estar da criança, fundamentais para o desenvolvimento da cognição e inteligência. A monitora fotografava, através de uma captura de tela, e os participantes ficavam livres para escolher os objetos, que melhor encaixavam, sensível e visualmente, na composição de cada cenário criado. Desse modo foi possível vivenciar também, a relação entre uma equipe, onde cada um tem sua participação, para beneficiar o coletivo. E cada etapa do processo, clarificava possibilidades criativas diversas. Como o trabalho é um registro em conjunto, muitas narrativas foram agregadas, e um ambiente de colaboração se formou. Ao mesmo tempo em que o participante cria, colabora para quem assiste a se inspirar e seguir no desenvolvimento do processo.

Acreditamos que atividades como esta possibilitam as crianças o transbordar de narrativas, com qualidade sensível e interativa, movimentando-se com liberdade e interesse, pelo território dos símbolos. Por exemplo, uma criança participante quis associar o exercício de criar imagem, com uma fotografia física emoldurada. Em meio às proposições, ela trouxe uma foto para sua composição, a ser registrada em captura de tela. Desse modo, criou um hipertexto, ao trazer o registro de uma imagem física, dentro de outra digital.

Compondo sensível e ludicamente foi possível exercitar a transformação da funciona-

lidade das imagens e agir criativamente com os significados relacionados, aos símbolos escolhidos para fotografar. Experimentando um complexo exercício simbólico que, mesmo não aclarado pela racionalidade das crianças, germina no interior de sua imaginação criadora, para brotar ao longo de seu desenvolvimento intelectual.

A proposta de Encontros CriAtivos Virtuais e Afetivos, oportunizou também o bem-estar de crianças e adultos, demonstrando o valor da Arte, mais especificamente, de atividades sensíveis e criativas, que mesmo por meio digital, proporcionaram Saúde Emocional e bem-estar, aos participantes, ao longo do processo. Conforme manifestaram os familiares das crianças e os próprios adultos, que vivenciaram dos Encontros.

Sabemos da importância da Arte para o desenvolvimento da humanidade, pois toda ação humana é resultado de uma ação criadora. A Ciência, a Cultura, a Economia e a Espiritualidade, são frutos da criatividade e nosso trabalho de Ensino, Pesquisa e Extensão, possibilita a divulgação do conhecimento em Arte, contribuindo de maneira ampla, com o desenvolvimento da sociedade, especialmente a Roraimense, que tem tido acesso às atividades desenvolvidas no Programa de Extensão Brinquedoteca CriAção.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, Larissa Silva. Trajetórias do imaginar: migrações de afetos, memórias e sentidos. 2018. 188 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.
- LANZ, Rudolf. A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano. 11. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.
- LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VILELA, Laryssa. Conexão fotocriação - Projeto Lúdico. Youtube, 6 de out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WVF8sh0veaw>>. Acesso em: 6 de out. 2021.

FOCA NA TV: UMA EXPERIÊNCIA DE MOBILE JOURNALISM NA UFRR

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Sandra Gomes - Lotada no Curso Comunicação Social-Jornalismo. Professora das disciplinas de Telejornalismo 1 e 2. Coordenadora do projeto FOCA NA TV DIREX No 23129.017.531/2020-59.

Ayan Ariel - Acadêmico do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Monitor das disciplinas de Telejornalismo 1e 2 nos semestres de 2020.1 e 2020.2

Camila Costa - Acadêmica do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Monitora da Disciplina de Telejornalismo 1 e 2, semestres 2020.2 e 2021.1

Willian Dias - Acadêmico do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Monitor da disciplina de Telejornalismo 1, semestre 2021.1.

O Foca na TV é um produto da disciplina de Telejornalismo, que se transforma no projeto de Extensão do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFRR. Tem como característica principal o uso da plataforma mobile, através da produção de reportagens com smartphones, aliando o formato tradicional de telejornalismo com produção em estúdio com equipamento profissional. O objetivo é favorecer a prática jornalística, ao mesmo tempo que inicia a elaboração de novos produtos e novas práticas com a tecnologia mobile.

O projeto é vinculado às disciplinas de Telejornalismo 1 e 2, que ocorrem nos dois semestres da graduação, respectivamente. É vinculado ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFRR. A ação é pautada pelas mudanças trazidas por meio das Tecnologias Digitais. Novas linguagens em multiplataformas traduzindo-se na convergência midiática (JENKYNS, 2009), com novas linguagens e um novo fazer jornalístico.

Para elaborar esta ação, buscamos apoio em estudos recentes nacionais e internacionais, que apontam o uso da tecnologia mobile como promissora em possibilidades narrativas, com maior alcance, transmissão e engajamento. Embora recente, já ocupa espaços nos mais variados veículos de comunicação. A mídia tradicional geralmente aguarda que novas tecnologias e formatos se consolidem antes de efetivar sua apropriação, neste caso vem adotando as novas plataformas de comunicação para gerar conteúdo. Essa adaptação gera novas linguagens e formatos, com possibilidades variadas para produção e transmissão da informação, muitas vezes em tempo real. É importante destacar que ainda estamos no estágio inicial de desenvolvimento de linguagens e formatos para a plataforma. (TEIXEIRA, 2019), CANAVILHAS (2015); MARTINS, 2012); (SQUIRRA & FEDOCI, 2011)

Assim, não há uma ruptura com a linguagem televisiva, mas um caminho híbrido, entre os dois formatos. É ainda um território amplo de possibilidades, propício a experimentações e busca de novas narrativas elaboradas especificamente para cada tela nos dispositivos móveis. “Este é o momento de investigarmos e pensarmos sobre quais as transformações sofridas pelo jornalismo audiovisual, a fim de se produzir conteúdo diferenciado frente aos novos desafios” (TEIXEIRA, 2019, p. 16).

Desta maneira, o Foca na TV cumpre a função didática ao ensinar os conceitos do fazer de um telejornal na televisão, apontando a história da televisão no Brasil, conceitos e práticas, características do veículo e demais conceituações sobre a formação do repórter de televisão. Aliado a esse aspecto, propõe-se refletir os impactos da tecnologia digital no mundo contemporâneo, nos costumes individuais e na profissão do repórter e comunicador. O projeto leva essa reflexão para além ao propor a realização de um produto jornalístico, com todo o processo consolidado, desde a elaboração, produção, edição final e publicação em emissora de televisão e nas redes sociais.

Enquanto projeto de Extensão, o Foca na TV se alinha ao Plano de Desenvolvimento Institucional UFRR (2016-2020) e ao Plano Nacional de Extensão Universitária, no que diz respeito ao papel da Universidade de unir Ensino, Pesquisa e Extensão, ampliando sua ação para além dos muros institucionais, ao levar informação para a comunidade e sociedade em geral. Fornece também o desenvolvimento de novos formatos e fazeres. Sua realização está em consonância com as evoluções tecnológicas e de linguagem ocorridas no mercado e segue a premissa de formar profissionais qualificados não só para desempenhar as funções de Jornalista, mas para analisar e pensar a sociedade e o mercado de forma crítica, como consta no Projeto Político Pedagógico (CCOS, 2015).

O projeto surge com o propósito de dar visibilidade às produções dos alunos da disciplina de Telejornalismo do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFRR. Esta ação envolve várias áreas do jornalismo (PPC 2015) e possibilita a interação permanente dos acadêmicos com fontes, profissionais e sua relação com os diversos públicos do Jornalismo desde o início de sua formação. Esse aspecto estimula o aluno a lidar com

problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes, compatíveis com seu grau de autonomia profissional (PPC, 2015. P. 8).

Como se percebe, esta atividade possibilita a convergência de várias áreas do Jornalismo e suas disciplinas correspondentes: prática na criação e elaboração de pauta; redação jornalística, ciberjornalismo, edição de vídeos e telejornalismo, possibilitando ao curso um laboratório prático com inserções diárias de conteúdo publicadas na TV Universitária e nas Redes Sociais do programa e do Curso de Comunicação Social, garantindo visibilidade à produção das disciplinas, interação entre discentes/jornalistas atuando no mercado e sociedade em geral.

As mudanças trazidas pela Tecnologia Digital têm transformado o mundo das comunicações. A possibilidade de transmitir conteúdo para múltiplas telas traz vários desafios e mudanças de linguagem. A convergência das mídias (JENKYNS, 2009) chega ao Jornalismo e ganha fôlego com o impulso dos smartphones, cujo consumo cresce a cada ano. Começa aí uma transformação nos conteúdos audiovisuais, que agora tem produção feita para múltiplas telas, com vídeos produzidos nos formatos adaptáveis aos dispositivos móveis.

O Telejornalismo é uma narrativa que faz a mediação e interpretação com a realidade social. Tomando por pressuposto a afirmação de que o noticiário de televisão é um local de referência, onde todos se veem, homens, mulheres, consumidores, atores de uma sociedade diversa, plural e complexa. Sob o aspecto do conhecimento teórico, se encaixa no conceito de práxis, com sua visão e mediação da realidade. É uma forma de conhecimento que tem por função interpretar a realidade social. Apresenta como resultado um trabalho feito por profissionais que apresenta a realidade dentro de normas e regras jornalísticas, mediando o contexto (VIZEU, 2009).

A narrativa horizontal, e a produção de notícias nesse formato, tem se tornado cada vez mais comum, de acordo com Relatório do Digital News Project (2018). Essa mudança já vem sendo assimilada pelas emissoras de TV desde antes da pandemia pela COVID-19 e cresce cada vez mais (TEIXEIRA, 2019).

A História é pródiga em apontar mudanças e transformações ao longo dos séculos. Um dos profissionais mais exigidos na era digital é o jor-

nalista. A Rede digital torna o mundo cada vez menor e noticiar ganha novas e desafiadoras nuances. Uma delas é a mudança do receptor, que hoje está multifacetado em várias plataformas e sites, com variados hábitos e costumes, em todos os lugares.

O cidadão deixa de ser um ente passivo, e passa a produzir – e compartilhar – o que o rodeia, participando direta e efetivamente da construção da notícia. Tal aspecto impõe, cada vez mais, a necessidade de uma imprensa ética e pluralista, que seja livre, honesta e ética, tornando-se um valor para a construção da democracia e da cidadania.

A credibilidade é o maior ativo de uma empresa jornalística e o profissional trabalha com essa premissa, enfrentando ainda um leitor que atua também como produtor e, além disso, um fiscalizador natural desta atividade.

Alguns questionamentos têm sido enfrentados pelo fazer jornalístico e referem-se à convergência midiática, seus efeitos na linguagem e estética do Jornalismo Audiovisual, rotinas profissionais e o perfil do jornalista, além das mudanças com a audiência e as mudanças nos processos de produção jornalísticas (MARTINS, 2012)

Trata-se, portanto, de um novo cenário no qual se concede um inédito poder de expressão à sociedade, com canais de comunicação abertos e atentos aos cidadãos/consumidores de notícias. Esta condição exige maior especialização por parte dos jornalistas e, ao mesmo tempo, maior capacidade para dialogar com temas universais e transdisciplinares ou transversais ao campo da Comunicação. Tais jornalistas são chamados não apenas à prestação técnica e a ações éticas bem definidas, mas à reflexão e à reorganização da atividade como um todo – dos fundamentos mais primitivos, aos novos paradigmas da era da Informação. (PPC, p. 9, 2015)

Neste sentido, o jornalismo móvel consiste em uma dessas mudanças, ao utilizar tablets e smartphones para a produção, compartilhamento e consumo de notícias, o que transformou o Telejornalismo, que tem um público muito mais ativo e exigente.

Durante a disciplina de Telejornalismo, ocorre a produção do Foca na TV que é amparado fortemente nos smartphones de cada aluno. A metodologia utilizada envolve pesquisa bibliográfica e

a parte prática, tanto em sala de aula para debater e desenvolver as pautas e sua produção, quanto durante a gravação e edição das reportagens e escaladas com o apresentador. A edição final é feita pela TV Universitária.

A proposta é atender aos princípios da Extensão, ao promover a prática e atualizações técnicas necessárias aos futuros profissionais, bem como informar a comunidade externa.

O Foca na TV é veiculado na grade de programação da TV Universitária da instituição, na página institucional do Curso de Comunicação Social-Jornalismo e no YouTube do Curso.

O projeto foi dividido em três etapas: Etapa 1 – referencial teórico e Capacitação dos alunos em relação a: Conceitos de Telejornalismo, história e formatos, elaboração e produção de pautas e b) o uso do smartphone para produção (enquadramento, áudio); Etapa 2 – Produção das matérias com entrevistas, gravação, edição do material produzido por grupo; Etapa 3 – Gravação da escalada pelo(s) apresentador(es) do Foca e edição final.

A turma é dividida em grupos de três a cinco alunos que, com a supervisão do professor e apoio dos monitores, elaboram todos os processos de produção da notícia, desde a discussão da pauta e sua angulação até os critérios de noticiabilidade, bem como a produção – que envolve a locação das imagens e agendamento com entrevistados, edição da notícia nos laboratórios do curso, com uma versão de aplicativos de edição de vídeo, como o Adobe Premiere.

As aulas são remotas e as gravações das reportagens/passagens são divididas em grupos de forma a não haver aglomerações ou mais de três alunos na pauta.

A gravação da escalada é feita nos estúdios da TV Universitária, cuja estrutura de estúdio, ilha de edição e profissionais, como cinegrafista e editor final, são essenciais para a realização do programa. A veiculação é semanal e a duração de cada programa é de 20 minutos, em média.

Nossa experiência continuou durante o período de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Atentos às normas sanitárias de afastamento social, estão presentes, no estúdio, apenas o apresentador, o cinegrafista e o professor ou monitor da disciplina. Com esta parceria, inserimos o programa na grade de programação da emissora, reforçando seu caráter extensionista ao ampliar o alcance de público, na capital e interior.

Aliar a teoria e a prática é parte essencial na formação do jornalista, sobretudo no mundo contemporâneo, com as mídias digitais e sua hiperconectividade. As rápidas mudanças e transformações socioeconômicas e culturais são apontadas pelo PPC (2015) que busca atender às novas exigências nas relações pessoais e no mundo do trabalho.

Neste sentido a Extensão universitária tem papel decisivo na formação do acadêmico de Comunicação Social, ao fomentar e para garantir a prática e a inserção social e profissional do egresso de jornalismo da UFRR.

A criação do Foca na TV, produto criado e desenvolvido na disciplina de Telejornalismo, está em consonância com os avanços das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, DTICs, e suas transformações sociais. Parte das atividades realizadas em sala de aula, através do Ensino e Pesquisa, amplia seu alcance de atender as diretrizes extensionistas, ao incluir no mercado, profissionais capacitados de forma ética e preocupados com o interesse social.

REFERÊNCIAS

BASSANI, Renata; FIGUEIRA, Artur Felipe Titon; GONÇALVES Antonio Cláudio Brasil; PEREIRA, Cárlica Emerim Jacinto. TJ UFSC, o Telejornal diário da Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo (conjunto ou série).

BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.

CAETANO, Kati; VEIGA, Zaclis. Os desafios do jornalismo e dos jornalistas no Século XXI: Entrevista com Suzana Barbosa, em AÇÃO MIDIÁTICA, n. 10. Jul/Dez. 2015. Curitiba. PPGCOM-UFPR. ISSN 2238-0701.

CANAVILHAS, João; SATUE, Ivan. Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo. Livros LabCom, Covilhã, UBI, LabCom, 2015. Disponível em: www.livroslabcom.ubi.pt

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. Este artigo foi apresentado em encontro do Cen-

tre d'Etudes des Images et des Sons Médiatiques/CEISME, Université Sorbonne-Nouvelle, em 05 de abril de 2007. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, COMPÓS, Abril de 2007 - 2/31. Disponível em: www.compos.com.br/e-compos.

JENKYNS, Henry. A cultura da Convergência. Editora Aleph, 2009.

KRAEMER, Karen Cristina. Script: a organização da produção audiovisual no telejornalismo. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-kraemer-jornalismo.pdf>

MARTINS, Elaide. Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. Copyright © 2012 SBPjor / Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH - Volume 8 - Número 2 - 2012.

MELLO, Jaciara Novaes. Telejornalismo no Brasil. Disponível em: www.bocc.ubi.pt.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000. 289 p

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV, Manual de Telejornalismo. II Edição. Rio de Janeiro, Elsevier, 2006.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. Digital News Report 2018. Disponível em: <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2018/brazil-2018>. Acesso em: 6 fev. 2020.

SQUIRRA, S.C. & FEDOCE, R. S. A tecnologia móvel e os potenciais da comunicação na educação. Logos 35 Mediações sonoras. Vol.18, Nº 02, 2º semestre 2011. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/2264/2248>. Acesso em: 20.02.2021.

TEIXEIRA, Juliana Fernandes. Jornalismo audiovisual para e com dispositivos móveis. Um estudo das aplicações dos smartphones nos processos e produtos jornalísticos das emissoras de televisão do Piauí. Livros LabCom, Covilhã, UBI, LabCom, Disponível em: www.labcom-ifp.ubi.pt. Covilhã, 2019.



Mais Libras
A SAÚDE EM NOSSAS MÃOS



MAIS LIBRAS: UMA AÇÃO DE INCLUSÃO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA E O ENSINO REMOTO

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Alessandra Cruz - Mestre em Letras pela UFRR. E-mail: alessandra.cruz@ufrr.br

Jaelson da Silva Santos - Mestre em Letras pela UFRR. E-mail: jaelson.santos@ufrr.br

Felipe Aleixo - Doutor em Linguística e Língua Portuguesa em Letras pela UNESP. E-mail: felipe.aleixo@ufrr.br

O Programa Mais Libras surgiu a partir da oferta da disciplina de “Introdução à Libras” para as licenciaturas da Universidade Federal de Roraima (UFRR); por meio dessa disciplina, cumpre-se a obrigatoriedade de uma carga horária mínima de 60 horas de ensino de Libras para os acadêmicos dos cursos de Graduação em Fonoaudiologia, Normal Superior, Pedagogia e todos os cursos de licenciatura e formação de professores, conforme disposto na Lei n. 10.436/2002 e no Decreto n. 5.626/2005. A disciplina, porém, é optativa aos demais cursos, recebendo discentes de praticamente todos os cursos da Universidade. Nesse sentido, é notório o interesse de alunos matriculados nos cursos de Medicina e Enfermagem, cuja presença, a cada semestre, vem aumentando consideravelmente, tanto que turmas passaram a ser compostas apenas por esses graduandos. Isso facilitou o desenvolvimento de ações com foco nas necessidades desses futuros profissionais.

A procura pela disciplina de Introdução à Libras quase sempre se justifica pelo mesmo propósito: oportunizar a comunicação com o paciente surdo. Todavia, é importante destacar que, infelizmente, uma disciplina de 60 horas não é suficiente para oferecer proficiência comunicativa, nem é capaz de suprir todas as necessidades de entendimento sobre a cultura e identidade expressas pela comunidade surda. Nesse sentido, em 2019, decidimos oficializar uma ação de Extensão voltada para esse público – surgia, assim, o até então Projeto de Extensão “Mais Libras: a saúde em nossas mãos”.

A proposta inicial era atender somente alunos dos cursos de Medicina e Enfermagem da UFRR. Todavia, em razão da pandemia, optamos por abrir inscrições para outros cursos da área da Saúde e de outras instituições, assim como para profissionais já graduados. Assim que divulgamos as novas diretrizes de inscrição, tínhamos, em poucos dias, o equivalente a mais de 600 inscritos; desses, após uma criteriosa seleção, elegemos 200 pessoas, que estavam aptas a participar do projeto.

No decorrer do primeiro semestre das atividades do projeto, todavia, percebemos que a dificuldade com as tecnologias fez muitas pessoas desistirem do curso. As aulas aconteciam de forma síncrona, o que também se tornou uma barreira, visto que os horários disponíveis por aqueles que já atuavam na área da Saúde, principalmente em hospitais, eram alternados durante a semana. Por essa razão, decidimos, para a segunda fase, gravar as aulas com antecedência e disponibilizá-las semanalmente aos participantes. As aulas da segunda fase foram divididas em cinco módulos; cada um deles com quatro videoaulas, ministradas por cinco professores: três ouvintes e três surdos.

Recentemente, após aprovação em colegiado, o Projeto tornou-se um “Programa de Extensão”, em decorrência das inúmeras ações realizadas para além do ensino de Libras, como, por exemplo, a criação de grupos estudos e a organização de palestras. Destacamos que essas ações têm sido facilitadas pela oportunidade de o Programa poder contar com professores colaboradores tanto de Roraima quanto de outras instituições brasileiras, alunos bolsistas remunerados e voluntários do curso de Letras Libras Bacharelado e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR.

Logo, neste Relato de Experiência, temos o objetivo de apresentar, às comunidades acadêmica e civil, como tem sido desenvolvido o trabalho do Programa “Mais Libras: a saúde em nossas mãos”, detalhando as ações realizadas em suas duas fases iniciais e expondo as conquistas adquiridas até o presente momento.

Segundo Aragão et al. (2014), há uma expressiva demanda de surdos brasileiros que buscam atendimento na Saúde e que não conseguem ter seus problemas resolvidos em virtude do desconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, a Libras, por parte dos profissionais dessa área. Outra situação que dificulta o acesso efetivo de pessoas surdas aos serviços de Saúde diz respeito à interação profissional da saúde-paciente, paciente-profissional da saúde, uma vez que, sem conhecimento da língua de sinais, a comunicação é comprometida.

A partir do início das ações do Mais Libras, alguns alunos do curso de Letras Libras Bacharelado desenvolveram – e ainda desenvolvem – suas pesquisas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) voltadas para contextos clínico-hospitalares.

Dessas pesquisas, algumas já nos trouxeram dados importantíssimos, e que nos possibilitam uma atuação mais efetiva e significativa na sociedade roraimense em prol da comunidade surda. Por exemplo, conforme Silva (2021), nas UBSs (Unidades Básicas de Saúde) da capital Boa Vista, não há contratação de Tradutores e Intérpretes de Libras; identificou-se, porém, que, em quatro unidades, há alguns servidores que conseguem se comunicar com os pacientes surdos. Destacamos que esses servidores não têm formação na área, de modo que o conhecimento da língua provém do contato com familiares surdos ou de estudos independentes. Silva (2021) identificou, ainda, a dificuldade no atendimento de imigrantes surdos, oriundos da Venezuela. Em virtude disso, ampliamos as ações do nosso Programa, oferecendo curso de Português escrito como língua de acolhimento às pessoas surdas que migraram do país vizinho para Roraima.

Na primeira fase do Mais Libras, enfrentamos dificuldades para encontrar uma plataforma que atendesse a todas as nossas necessidades e, ainda, facilitasse o acesso dos alunos inscritos no Programa, tendo em vista que utilizamos uma língua visual. Além disso, a falta de materiais adequa-

dos para a gravação, de suporte para edição, entre tantas outras dificuldades que nos traziam um sentimento de desânimo, poderia ter nos levado a desistir, mas mesmo com o psicológico abalado, devido à perda de amigos, fomos mais fortes.

Vale mencionar que, para nós, esses desafios não foram negativos, mas, sim, circunstâncias que precisávamos vencer para que a aprendizagem acontecesse. Nesse momento, tornamo-nos também alunos, pois não estávamos preparados para essa situação tão repentinamente. Isso nos trouxe, também, novas reflexões: reavaliamos nossas práticas, vencemos e alcançamos um público que jamais imaginávamos.

Apresentamos, em forma de mosaico, um corte das primeiras atividades de interação que nos fizeram ter a dimensão do alcance do Mais Libras e que nos impulsionou a não desistirmos do Programa em meio ao caos e ao sofrimento que a pandemia de COVID-19 trouxe a todos nós.

Alunos de outros estados continuam participando do Programa, o que nos alegra muito, pois, além de levar o nome do estado para o restante do Brasil, apresenta o comprometimento da UFRR com seu papel social.

Atualmente, seguimos com palestras ministradas especificamente por professores surdos que atuam na área da Saúde.

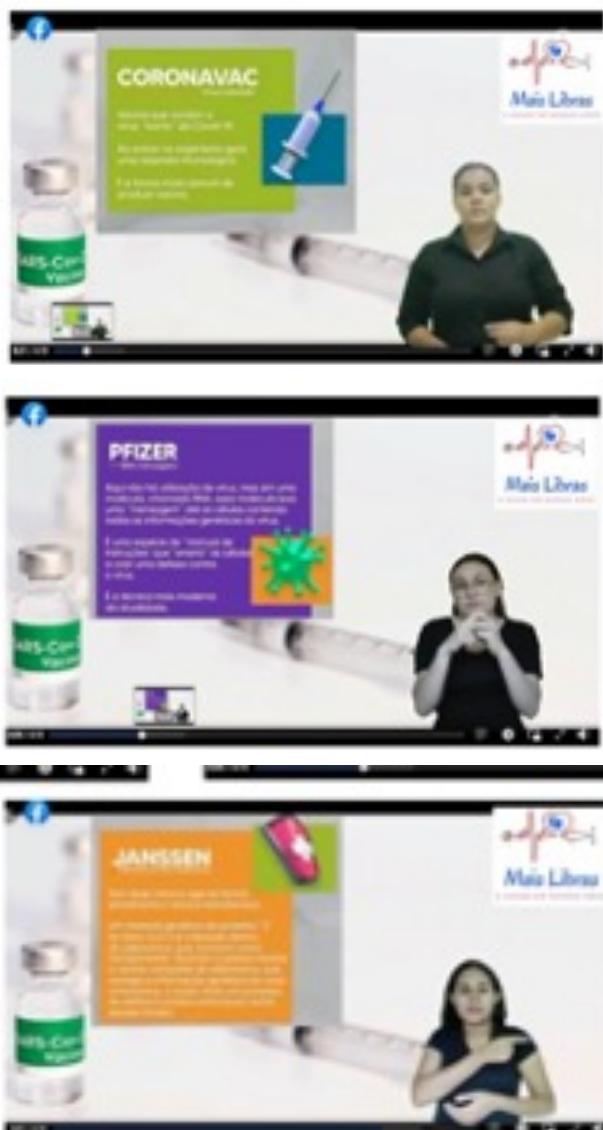
Em nosso Programa, as aulas de Libras têm como público principal os acadêmicos dos cursos de Medicina, Enfermagem e Psicologia da UFRR e profissionais da área da Saúde. Porém, como dissemos, também é permitida a participação de inscritos de outros estados e universidades, pois entendemos que esse contato possibilita conhecer realidades diferentes e, assim, compartilhar conhecimento.

As aulas de Português escrito como língua de acolhimento acontecem uma vez por semana, de maneira assíncrona, com a colaboração da Professora Ana Paula Arja, que é também aluna do programa de Pós-graduação em Letras da UFRR e também colabora com o ensino de Libras com os demais professores. Nessa ação, o Mais Libras atende aproximadamente cinquenta surdos imigrantes, que acessam as aulas, também, de forma assíncrona. Assim, os conteúdos das aulas são revisitados sempre que o aluno necessita.

Lembramos, ainda, as ações realizadas pelas bolsistas do Mais Libras, sob orientação dos coordenadores do programa, que são extremamente

importantes para que a comunidade surda tenha acesso a diferentes informações sobre a pandemia de COVID-19, entre outras questões que envolvem a saúde do ser humano. Assim, todos os meses, as três alunas monitoras – duas remuneradas e uma voluntária – desenvolvem a tradução de vídeos informativos, conforme apresentamos na Figura 3 e que podem ser acompanhados pelas redes sociais do programa: @maislibras.ufrr, no Instagram, e MaisLibras.ufrr, no Facebook.

Cabe mencionar, ainda, que há muitas barreiras que essas alunas enfrentam diariamente para continuar participando do programa Mais Libras, mas elas estão superando as adversidades, visto que atuar na tradução de uma língua apenas com orientações a distância não é fácil, e ainda dão apoio aos inscritos no Programa.



Participação das monitoras em vídeos informativos sobre a COVID-19

Fonte: arquivo pessoal.

Diante de tal cenário, o Programa de Extensão “Mais Libras: a saúde em nossas mãos” segue firme no intuito de construir, dentro da UFRR, um espaço clínico-hospitalar bilíngue para atender a comunidade surda. Além disso, grupos de estudo focados em sinais-termos, bem como em tradução e interpretação, estão sendo desenvolvidos e pensados para que possamos tornar a Libras uma língua de uso comum, nos mais diversos ambientes sociais de Roraima, possibilitando que a pessoa surda tenha seus direitos linguísticos garantidos.

Por meio deste Relato de Experiência, expusmos como o Programa de Extensão “Mais Libras: a saúde em nossas mãos” tem sido desenvolvido em suas duas fases iniciais. Por meio da apresentação do Programa, evidenciamos sua importância para a sociedade civil e acadêmica não só de Roraima, como também nos demais estados do Brasil.

É necessário enfatizar a importância e a valorização do profissional TILS (Tradutor e Intérprete de Libras) em todo e qualquer ambiente social. Todavia, o que buscamos com o Programa não é formar Tradutores e Intérpretes de Libras – para isso, faz-se necessária a formação em um curso de graduação. Buscamos, na verdade, difundir a Libras, que é um dos deveres das Instituições de Ensino Federais, e assim proporcionar que profissionais de outras áreas consigam se comunicar com a pessoa surda, pensando, por exemplo, que uma consulta médica é algo muito particular – nem sempre desejamos ter a presença de uma terceira pessoa (como um intérprete, por exemplo) nos acompanhando. Dessa forma, a privacidade é também um direito do cidadão surdo; e como garanti-la se não soubermos Libras?

Por fim, acreditamos que as ações do Mais Libras continuarão trazendo para todos os inscritos, membros e colaboradores muito conhecimento e, sobretudo, transformações sociais não só dentro da UFRR, mas além de seus muros.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, J. S. et al. Acesso e comunicação de adultos surdos: uma voz silenciada nos serviços de saúde. *Revista de Pesquisa e Cuidado Fundamental (On-line)*, v. 6, n. 1, p. 1-7, 2014. Disponível em: <<http://www.index-f.com/pesquisa/2014/6sumario.php>>. Acesso em: 10 out. 2021.

LACERDA, C. B. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. Pelotas: *Cadernos de Educação*, 2010. p. 133-153.

OLIVEIRA, Y. C. A.; CELINO, S. D. M.; COSTA, G. M. C. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 25, n. 1, p. 307-320, 2015. Disponível em: Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v25n1/0103-7331-physis-25-01-00307.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2021.

SILVA, Célia Pereira da. O perfil do tradutor e intérprete de língua de sinais e o atendimento ao imigrante surdo na unidade básica de saúde Dr. Dimitre Ramos Gonzalez. 2021. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Libras Bacharelado, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2021.



XXVII SEMANA ACADÊMICA DE QUÍMICA DA UFRR: QUÍMICA E SAÚDE

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Ednalva Dantas Rodrigues da Silva Duarte - Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia pela UFRR. Docente do DQUI/UFRR.

Luciana Araújo Xavier - Doutoranda em Biodiversidade e Biotecnologia pela UFRR. Técnica de laboratório do DQUI/UFRR.

Habdel Nasser Rocha da Costa - Doutor em Biotecnologia pela UFAM. Docente do DQUI/UFRR.

Viviane Araújo Cardoso - Doutora em Química pela UFPE. Docente do DQUI/UFRR.

Carlos Ramon Franco - Doutor em Química pela UNICAMP. Docente do DQUI/UFRR.

Enaile Alves Moura - Bacharel em Direito pela Faculdade Estácio da Amazônia. Assistente administrativo do DQUI/UFRR.

Eliandra Lourenço Rodrigues - Discente do Curso de Licenciatura em Química da UFRR.

Ellen Caroline Silva Lima - Discente do Curso de Licenciatura em Química da UFRR.

Ewellin Anny Gomes Monteiro - Discente do Curso de Licenciatura em Química da UFRR.

A Extensão universitária está prevista no Art. 207 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), deve ser realizada de forma indissociável com as atividades de Ensino e Pesquisa. A Semana de Química é projeto anual do Departamento de Química desde 1991 (UFRR, 2018, p.22). Os temas do evento são variados e visam abordar assuntos de interesse atual, para disseminar e discutir o conhecimento científico com a comunidade em geral e está em consonância com as diretrizes previstas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFRR (UFRR, 2021, p.24), bem como atende as orientações do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Química (UFRR, 2018, p.22).

A Semana possibilita a divulgação das pesquisas realizadas na área de Química e estreita as relações entre o público envolvido, propiciando troca de conhecimentos entre os alunos, professores e técnicos da UFRR, com diferentes profissionais de outras instituições e comunidade em geral.

A temática desta edição foi “Química e Saúde” e teve a proposta de debater o papel da Qui-

mica na elaboração de medicamentos, vacinas e tratamentos de doenças de forma geral, levando a compreensão da sociedade sobre a importância das pesquisas químicas na área da Saúde e da contribuição desta ciência para o desenvolvimento e evolução da sociedade, principalmente, no contexto pandêmico.

Além disso, promoveu a integração entre Comunidade Universitária e público externo ao incentivar a busca por conhecimento e contribuir com o esclarecimento das pesquisas químicas na área da Saúde.

Durante a programação da XXVIII Semana Acadêmica de Química foram ministradas palestras, exposições de trabalhos, videoaulas e rodas de discussões por meio das plataformas de videoconferências Google Meet e Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). O evento foi transmitido ao vivo no canal do Youtube da UFRR, as exposições dos banners foram possíveis no site do curso de Química. Para a transmissão, utilizou-se o programa do OBS Studio (Open Broadcaster Software), um programa de streaming e de gravação gratuito e de código aberto. O minicurso “Química dos cosméticos e relação com a COVID-19” foi ministrado pela pesquisadora Dra. Samanta Monzem.

O evento teve 91 inscritos nas palestras, 21 inscritos no minicurso, 40 participantes em média ao vivo e, aproximadamente, 100 visualizações e 130 acessos aos banners.

Devido à pandemia do Coronavírus, a Semana Acadêmica de Química foi on-line com a participação do público via webconferência. O primeiro dia contou com a palestra “A química no combate ao COVID-19”. Na ocasião, falou-se sobre o começo da pandemia e a grande procura por produtos saneantes, por exemplo, álcool a 70% INPM líquido ou em gel, hipoclorito de sódio, entre outros. Por conta da alta demanda, houve escassez desses produtos nos supermercados e comércios em geral. Neste cenário, os docentes, técnicos e discentes de Química mobilizaram-se por meio do Projeto de Extensão “Produção de Saneantes no Combate ao Coronavírus”.

A iniciativa buscou produzir e doar álcool etílico a 70% INPM líquido e em gel, conforme os padrões de alcoometria (método oficial), e água sanitária hipoclorito de sódio diluído a 0,1 e 0,5%. A ação foi desenvolvida por professores e alu-

nos do Departamento de Química, de outros setores da UFRR, com a parceria do Instituto Federal de Roraima (IFRR) e apoio de egressos do curso de Licenciatura em Química, empresas roraimenses e cearenses.

Os envolvidos produziram mais de 2.500 litros de álcool etílico a 70% na forma líquida e em gel, que foram distribuídos para várias entidades públicas, entre elas, a Secretaria de Justiça (SEJUC), Secretaria de Saúde, Hospitais, agentes da polícia, bombeiros, etc.

Durante o minicurso, abordou-se também sobre a arrecadação de garrafas opacas para armazenamentos de saneantes, garrafas pets, caixas Tetra Park, etc., óleos oriundos de frituras para produção de sabão caseiro e sabão líquido. A segunda palestra, intitulada “Cobre: Bioquímica medicinal e material de superfície”, tratou sobre a Bioquímica Inorgânica, área da Bioquímica Medicinal, com relatos de uma pesquisa desenvolvida na UFRR com o emprego de metais, em especial os de transição como o cobre (Cu), empregados em formulações de medicamentos, e como esses metais interagem no sistema biológico no combate de doenças como Câncer, dando, uma visão geral, ao público, sobre a contribuição de estudos químicos na Saúde.

A palestra “Química, saúde e desenvolvimento de fármacos”, abordou a experiência de um pesquisador químico sobre a Química Medicinal Inorgânica e sua interfaces com a atividade farmacológica, coleções de compostos e as substâncias químicas bioativas. Destaca-se que o tema, ainda novo, apresentou informações sobre o processo de descoberta dos fármacos, as fases desses (farmacêutica, farmacocinética e farmacodinâmica), as estratégias para descoberta de novos fármacos, para doenças tropicais, toxicidade aguda, administração, dose ideal, confidencialidade, a busca pela patente, como por exemplo, a pesquisa sobre o esquema de síntese da tetraamina de rutênio (II) como transportadora de óxido nítrico e benzidazol e sua ação sobre o *T. cruzi* avaliando a atividade tripanocida in vivo.

A quarta palestra abordou os “Saneantes domissanitários e seu potencial risco a saúde”, com foco nos cuidados e atenção aos riscos à Saúde do Homem e ao Meio Ambiente que devemos ter com as diferentes substâncias químicas usadas no nosso dia a dia, como por exemplo, os produtos

de limpeza (alvejantes, branqueadoras, detergentes), finalizadores (amaciantes, lustradores, ceras, neutralizadores), polidores de metais, removedores, sabões e saponáceos, produtos de ação antibacteriana (albicidas, desinfetantes, esterilizantes, fungicidas, germicidas, sanitizantes), produtos desinfetantes domésticos e industriais (inseticidas, raticidas, repelentes). Para ter esse conhecimento, o palestrante recomendou a leitura dos rótulos dos produtos químicos comercializados e chamou a atenção para a importância dos professores e professoras de química realizarem a alfabetização científica das pessoas de modo a educar para a leitura dos rótulos com atenção, identificando o princípio ativo e buscando informações sobre a classe toxicológica desse princípio.

A palestra seguinte tratou sobre “Química e saúde”, destacando as reações químicas relacionadas à saúde do corpo, com enfoque na constituição química das células e suas funções para o equilíbrio e funcionamento dos órgãos. Na ocasião, abordou-se sobre a importância da água, das proteínas e outras substâncias para a saúde e as propriedades físico-químicas como a temperatura e pressão.

Durante o evento, os participantes assistiram a palestra “Super GENES ativar! Epigenética: suas escolhas, sua saúde”, com foco na Epigenética, área da Biologia que estuda mudanças no fenótipo que não são causadas por alterações na sequência de DNA, que se perpetuam nas divisões celulares, meióticas ou mitóticas. No primeiro momento foi dada uma visão histórica do termo, cunhado por volta de 1940, e engloba os processos que afetam o DNA, mas não implicam na mudança da sequência do mesmo, pois tais modificações alteram diretamente a expressão de um gene, transmitidas para próxima geração. Essa atividade enfatizou que o meio ambiente é extremamente capaz de levar as alterações epigenéticas no DNA, podendo ser repassadas ao longo das gerações, por exemplo, as modificações que podem ocorrer no organismo por conta de nossas escolhas e estilo de vida contribuem ao ligar ou desligar determinados genes, ocasionando consequências para nossas células, nossa Saúde e para as futuras gerações.

A palestra “Pesquisas científicas no ensino médio” versou sobre a importância de despertar, nos estudantes de Ensino Médio, o desejo de trabalhar em pesquisa científica de forma ética e

reflexiva, atento às necessidades coletivas e locais.

Em outro momento, foi abordado o tema: “Nanopartículas poliméricas contendo produtos naturais e sua aplicação no tratamento de doenças neurodegenerativas”, em que explanou uma visão geral do assunto com foco no uso de produtos naturais aplicados no tratamento de doenças neurodegenerativas. Com a palestra foi possível compreender como os medicamentos podem ser apresentados e comercializados em nanocápsula, bem como conhecer como são manipulados e produzidos dentro da nanotecnologia.

No último dia do evento, a palestra “Drogas utilizadas em tempos de pandemia”, trouxe uma retrospectiva dos dados da COVID-19 no Mundo e informou sobre as drogas que estão sendo usadas no tratamento dessa doença, os protocolos recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e no Brasil, além das recomendações do Conselho Nacional de Secretária Municipais de Saúde e do Ministério de Saúde. Durante a palestra, falou-se sobre o desenvolvimento de vacinas no mundo e no Brasil e enfatizou a importância do distanciamento social, uso de máscara e de sanitizantes para higiene das mãos para o enfrentamento a pandemia.

A última palestra, intitulada “A pesquisa no CLQ - contribuição de conhecimento para técnicas e fármacos no meio científico”, tratou sobre as bases legais nacionais do PPCL da UFFR, que orienta a pesquisa na formação dada no curso de licenciatura em Química, a fim de formar profissionais conscientes da contribuição da ciência para o desenvolvimento da Saúde e do meio ambiente.

Foram apresentados os seguintes banners:

1. Uma proposta para o ensino de química – o ensino de ácido e bases por meio da experimentação investigativa (ROCHA, CARDOSO, 2020);
2. Atividade Experimental Investigativa no Ensino de química-pilha de Daniel (SILVA; CARDOSO, 2020);
3. Separação dos pigmentos naturais por cromatografia em coluna (XAVIER; SOUZA; REBOUÇAS, 2020);
4. Produtos químicos e seus danos à saúde (XAVIER; SOUZA, 2020).

O minicurso “Química dos cosméticos e relação com a COVID-19” pertinentes à produção, confecção e eficácia dos produtos higiênicos.

O evento expôs as pesquisas químicas desenvolvidas no campo da saúde, permitindo troca de conhecimentos, discussões, compreensão e debate destes estudos entre os participantes, em especial no combate à pandemia da COVID-19.

Com a realização da Semana foi possível socializar experiências científicas na área de química e afins e influenciar de forma positiva, a formação do futuro professor de química de modo a formar cidadãos mais curiosos, éticos e comprometidos.



Parte da equipe organizadora de trabalho; Sala de transmissão, equipamentos e monitoramento do evento; Palestra online.

Fonte: Habdel Nasser R. Costa



REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 11 de out. 2021.

SANTARELLI, Iohana S.; VENTURI, Gabriela; PEREIRA, Catarine D.; NAIDDECK, Karine P.; OLIVEIRA, Brenno R. M. Cietifi-CIDADE: estimulando a divulgação da Ciência por meio da extensão universitária. Química Nova na Escola, São Paulo, v. 43, n.3, 224-253, 2021

SOUZA, Gahelyka Agtha Pantano; SANTOS, Bianca Martins; GHIDINI, André Ricardo. Experiências de extensão universitária na formação de professores de ciências. Scientia Naturalis, Rio Branco, v.1, n. 5, 10-19, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Projeto de Desenvolvimento Institucional 2021-2025. Boa Vista, RR: Disponível em: <<https://ufr.br/plano-de-desenvolvimento-institucional-pdi>>. Acesso em: 11 de out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Câmara de Ensino do Conselho de Ensino Pesquisa aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Química. Resolução no. Resolução nº 006/2018/CENS-CEPE, 24 de maio de 2018. Disponível em: <<https://ufr.br/conselhos/camara-de-ensino/category/245-resolucoes-2018?start=20>>. Acesso em: 11 de out. 2021.

AZEVICHE: REDE DE APOIO PARA ENLUTADOS

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Maria do Socorro Lacerda Gomes - Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Assis-SP.

André Luiz de Oliveira Andrade - Graduandos em Psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Bianca Karoline da Silva Pizzano Beltran - Graduandos em Psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Evelyn Caroline Silva da Costa Pinotte - Graduandas em Psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Gabriela Pires Menezes Feijó - Graduandas em Psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Idelcira Maria Berredo dos Santos - Graduandas em Psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Maria de Nazaré dos Santos Veras - Graduandas em Psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Raquel Veras de Paula - Graduandas em Psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma pandemia ocorre quando há a disseminação mundial de uma nova doença. O Coronavírus pertence a uma grande família de vírus, que pode circular tanto entre pessoas, como entre animais e é bastante conhecido e estudado. Apesar disto, a Infecção Respiratória Aguda (IRA) causada pelo coronavírus “SARS-CoV-2”, denominada COVID-19, surpreendeu o mundo e foi apresentada pela OMS (Organização Mundial de Saúde) como um desafio face a sua capacidade de contaminação rápida que, em sua forma mais grave, poderia levar à morte em curto espaço de tempo.

O primeiro caso aconteceu na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Não se limitando as fronteiras daquele País, novos e numerosos casos surgiram em países asiáticos, tais como Tailândia, Japão, Coreia do Sul e Singapura (AQUINO et al., 2020). Em seguida, na Europa, a Itália tornou-se o epicentro da pandemia e acendeu o sinal de alerta com as mortes em massa, principalmente da população idosa, que impactou o mundo e mostrou a gravidade da doença.

A partir desse momento, houve a propagação rápida nos demais continentes e, em 11 de março de 2020, a OMS declarou tratar-se de uma pandemia, sem possibilidade de refrear seu contágio, buscou-se a adoção de medidas profiláticas como a utilização de máscaras de proteção facial, o uso do álcool etílico 70% e o distanciamento social, que representa uma das poucas estratégias de proteção diante da séria ameaça à vida humana.

A população inicia o distanciamento social sem uma real compreensão da dimensão temporal e dos sentimentos que seriam experienciados a partir daquele momento. Por conta disto, houve uma profusão de informações, muitas delas sugerindo formas saudáveis de alimentação, atividades físicas, acadêmicas e psíquicas para realizar

durante este período como estratégia de Saúde Mental. Tais orientações são benéficas e funcionam como uma forma de amenizar o sofrimento. Entretanto, podem mascarar o reconhecimento de sentimentos não autorizados, como medo da doença e da morte, uma vez que senti-los pode representar fraqueza ou incapacidade.

Nas primeiras semanas de distanciamento, houve uma sensação de normalidade e de que seria um período momentâneo. No entanto, diante da indefinição e da falta de referências seguras, foi natural o aparecimento de sentimentos de ansiedade e angústia. Diante disso, os profissionais de Saúde e Saúde Mental, dentre estes, os psicólogos, organizaram-se em grupos com o intuito de oferecer intervenções nas mais diversas áreas do saber e do sofrer humano, tais como: violência, violência doméstica, medo da morte, luto, entre outros.

Isto posto, frisamos que na, Universidade Federal de Roraima (UFRR), diversas ações foram implementadas neste período, dentre estas o projeto “Azeviche: rede de apoio para enlutados”, cuja proposta inicial versava sobre a criação de uma rede de apoio, mas teve que ser adaptado às condições do momento. A alteração na proposta deu-se pela necessidade de oferecer um serviço de atenção à saúde num modelo mais aprazível.

Conceberam e executaram este Projeto de Extensão: uma professora/coordenadora da ação, quatro alunos/estagiários e três psicólogas egresas do curso de Psicologia da UFRR. Para este grupo, a iniciativa possibilitou vivenciar várias formas de superação, reinvenção, solidariedade e autocuidado, o que ofereceu uma oportunidade singular nas vidas dos participantes.

A vivência do Luto varia entre as pessoas, sendo considerada singular e irrepetível. Caracteriza-se como uma prova dolorosa e intensa que qualquer pessoa pode vivenciar após a perda ou a morte de um ente querido e não tem como ser evitado, embora possa ser adiado. Por conseguinte, a prática dos profissionais que atuam junto a pessoas enlutadas mostra a necessidade de “oferecer cuidados como medida de prevenção em saúde mental” (LISBÔA & CREPALDI, 2003, p. 98).

Durante a I Guerra Mundial, Freud publicou o importante texto intitulado Luto e Melancolia (1917 [1915]), no qual descreve o luto como a “reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liber-

dade, um ideal, etc” (p. 249). De acordo com o autor, no processo de luto, há a inibição do Ego em razão da grande energia gasta na elaboração da perda do objeto amado. Concluído o “trabalho do luto”, termo cunhado por Freud, o Ego ficará livre e a libido será deslocada para outro objeto. Este processo será vivido pela maioria das pessoas e, quando bem-sucedido, trará maturidade.

Embora seja importante destacar que, mesmo o luto considerado normal, é doloroso e exige esforço de adaptação do Ego (Freud, 1917 [1915]), há certas disposições patológicas que definem, como consequência de uma perda significativa, o adoecimento de algumas pessoas. Isto é o que diferencia o luto da Melancolia. Na Melancolia, a principal ação consiste na conservação, uma espécie de identificação com o objeto perdido, internalização para ser mantida a qualquer custo.

O Luto como fenômeno é difícil de ser explicado, por isso consideramos importante a implantação deste projeto de intervenção. O “Azeviche” foi uma iniciativa implantada em 11 de maio de 2020, a fim de oferecer apoio a pessoas enlutadas através de encontros para a partilha das vivências da dor pela perda com a morte por COVID-19, mas não apenas por esta causa mortis.

As redes de apoio para pessoas enlutadas são grupos formados por profissionais de Psicologia e pessoas da comunidade que vivem ou viveram perdas significativas. Estes grupos oferecem momentos de acolhida e partilha da dor daqueles que passam por situações semelhantes, neste caso, a morte. Estas ocasiões são significativas para os participantes, pois há a dinâmica de receber e dar suporte, uma vez que a cada partilha os sujeitos espelham-se e servem de modelo uns aos outros.

Estimulando os participantes a percepção dos meios de superação através do sentido de pertencimento a um grupo, que partilhasse dos mesmos sentimentos, os trabalhos iniciaram-se pela realização de reuniões semanais sobre a temática do Luto, divulgação da ação e inscrição dos interessados.

Paralelo a estas etapas, a coordenadora do projeto participou de reuniões de integração e treinamento na Rede API (Apoio a Perdas (Ir) reparáveis), pois, ao entrar em contato com a sua presidente, foi informada sobre a obrigatoriedade de participação em reuniões de treinamento para submeter uma proposta de implantação de uma Seção da Rede API na cidade de Boa Vista. Esta

foi a ideia inicial e, nos meses de abril, maio e junho de 2020, a coordenadora do projeto participou de reuniões on-line nos grupos da Rede API dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Simultaneamente, iniciou-se as ações de divulgação e agendamento das primeiras reuniões locais. O plano consistia em oferecer dois encontros semanais à noite. Após as inscrições, constatou-se o predomínio de enlutadas recentes e das profissionais de saúde em atuação na Ala COVID.

As tentativas de realização das reuniões ocorreram durante o mês de julho de 2020. Embora as inscritas confirmassem suas intenções em participar, estas, não permaneciam na sala. Este comportamento, que pode sugerir uma resistência, pode impedir o sujeito de participar de atividades que acessem seus sentimentos. Diante deste dado, que sinalizava a dificuldade em compartilhar a dor do Luto, optou-se por respeitar a impossibilidade de participar destas pessoas e redirecionar o projeto.

Constando a necessidade de redimensionar a ação para realização de lives públicas, a coordenadora do projeto convidou profissionais da Psicologia no Brasil e em Portugal, cujas adesões em sua diversidade foi um elemento positivo desta atividade. Participaram das lives psicólogas do Amazonas, Paraíba, São Paulo, Rio Grande do Sul e uma psicóloga de Braga (Portugal). Para cada live foi solicitado um tema de interesse do participante e de relevância para o estudo da Tanatologia e da vivência da pandemia por COVID-19.

As lives foram realizadas às quintas-feiras, a cada três semanas; nos meses de setembro a dezembro de 2020, no horário noturno, com cerca de duas horas de exposição e debate. Dessas lives, quatro ocorreram no horário noturno e uma no horário vespertino, devido ao fuso horário Brasil-Portugal. Inscreveram-se, nas cinco lives, 215 pessoas, em sua maioria estudantes e profissionais da Psicologia. Destaca-se que a temática do luto sensibiliza, mas também provoca estranhamento e resistência, posto que o Luto é uma experiência limite que deve ser incorporada ao existir, para ressignificar esse sentimento.

Diversos estudos e intervenções realizadas no Brasil e no mundo demonstram que as estratégias emergenciais em Saúde Mental oferecidas durante a pandemia da COVID-19, sobretudo no início, favoreceram a redução do estresse, tensão e angústia.

Esta experiência foi especialmente desafiadora face à dificuldade em implementar um serviço de suporte terapêutico para enlutados no município de Boa Vista (Roraima). Diante do imperativo de redimensionar os objetivos iniciais do projeto, infere-se a necessidade de entender os limites no trabalho com o Luto, pois nem todas as pessoas enlutadas reúnem condições emocionais para compartilhar seus sentimentos coletivamente, sendo importante oferecer intervenções individuais. Desse modo, embora a rede de apoio promova a oportunidade de ressignificar as perdas para dar lugar a novas experiências, esta não é um modelo único, nem consiste em resultado garantido.

É possível indicar que, mesmo após o término da pandemia, a reflexão e revisão da atenção psicossocial deverá ser permanente, uma vez que não se sabe quais sequelas de longo prazo se revelarão. Neste sentido, a equipe de trabalho deste projeto de Extensão enseja refletir sobre uma futura atividade que agregue valor a temática do enlutamento.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, E. M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*. v. 25 (suppl 1). Jun 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/4BHTCFF4bDq4qT7WtPhvYr/?lang=pt>>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- FREUD, S. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIV. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 245-263.
- LISBÔA, M. L., & CREPALDI, M. A. (2003). Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado. *Revista Paidéia*, v. 13 (25), 97-109. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/4nL7kbrXkHNPf-TF8yLZhtgB/?lang=pt>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

O TRABALHO INTERDISCIPLINAR COM HISTÓRIA E BIOLOGIA NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA EM RORAIMA

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Alessandra Rufino Santos - Pós-doutoranda e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade Federal do Roraima no curso de graduação em Educação do Campo e no Mestrado Profissional em Ensino de História.

Arlene Oliveira Souza - Pós-doutoranda em Ecologia e Conservação pela Universidade Estadual da Paraíba; Doutora em Biotecnologia pela Universidade do Estado do Amazonas e docente da Universidade Federal do Roraima no curso de graduação em Educação do Campo e no Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais.

Maria Nádia Cruz de Souza - Discente do curso de graduação em Educação do Campo / Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Roraima.

Ana Aliny Gonçalves Dias - Estudante do curso de graduação em Educação do Campo / Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Roraima.

Ação de Extensão, na modalidade projeto, intitulada “A Interdisciplinaridade na Licenciatura em Educação do Campo de Roraima: diálogos entre a História e a Biologia na formação de professores” foi cadastrada, em 2019, na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), com o propósito de construir metodologias interdisciplinares entre a Biologia e a História no processo de formação de professores, sendo essa alicerçada no conhecimento científico e na sua interface com as questões sociais, ambientais, políticas, econômicas e históricas das comunidades para estabelecerem uma relação entre o aprender e o ensinar.

Neste sentido, a experiência aqui relatada a partir das atividades desenvolvidas na disciplina História Geral I, entre os meses de abril e julho de 2019, reforçam que a reflexão acerca da prática docente pode contribuir significativamente para a implementação das práticas didático-pedagógicas interdisciplinares na Educação do Campo. Esta experiência também é resultado das atividades científicas do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Natureza, Educação e Cultura (GPINEC), criado em 2018 e vinculado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Além de ser um espaço de debate a respeito das tendências teórico-metodológicas que se vinculam, principalmente, à Educação do Campo, também permite que os estudantes e professores/pesquisadores desenvol-



vam pesquisas sobre as diversas relações entre a natureza e cultura em uma interface com a educação, considerando os seus diferentes aspectos.

Em um contexto de Ensino Superior, em que se postula a necessidade de formar educadores que possam ir além do modelo de ensino que fragmenta o conhecimento, alguns aspectos no curso de Licenciatura em Educação do Campo se mostram como alternativas para exercer com mais eficiência a interdisciplinaridade. Em outras palavras, verificamos nas aulas da disciplina História Geral I que o diálogo estabelecido com a Biologia, através do auxílio da ação de Extensão, possibilitou que os alunos desenvolvessem reflexões e análises históricas e biológicas dos conteúdos programáticos da disciplina mencionada, alcançando, desse modo, um dos princípios da Educação do Campo, que é a interdisciplinaridade.

Diante do exposto, este relato de experiência, que dará ênfase ao eixo temático Saúde e Meio Ambiente, parte do princípio de que os futuros educadores/educadoras da Educação Básica, formados pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (UFRR), precisam receber uma formação que estabeleça relações entre as disciplinas das duas áreas do curso, as Ciências Humanas e Sociais e as Ciências da Natureza e Matemática. Além disso, precisam relacionar o que se ensina com o que se aprende, tendo em vista que as mudanças curriculares no sistema educacional brasileiro, tanto por meio de diretrizes curriculares, quanto por meio de reformulações, como é o caso da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), tem exigido dos profissionais de Educação do Campo reflexões sobre a construção de identidades na Educação do Campo a partir de uma proposta dialógica de educação.

A ABORDAGEM DO PROJETO

Nesta proposta, as aulas da disciplina História Geral I, ministradas no semestre 2019.1, foram trabalhadas com a participação de integrantes do projeto de Extensão, que desenvolveram minicursos com a finalidade de aproximar os temas “Saúde e Meio Ambiente” com as disciplinas de “História e Biologia”. A disciplina História Geral I ofereceu aos alunos um debate em torno da Idade Moderna e da Idade Contemporânea. Esse diá-

logo ocorreu, precisamente, com o conteúdo do Absolutismo. Foi levada em consideração a vida do Rei Luís XIV, a partir do eixo temático “Saúde e Meio Ambiente”. Portanto, a leitura da bibliografia específica permitiu as bolsistas voluntárias e aos alunos cursistas um embasamento teórico sólido para que tivessem contato com os temas mais trabalhados na área de História Geral.

O projeto estabeleceu novas práticas e experiências pedagógicas, fortalecendo a articulação entre teoria e prática. Dentre as atividades propostas nos minicursos pelas bolsistas voluntárias, foram trabalhados em sala de aula a pesquisa com base em textos e vídeos que explicavam as místicas da Educação do Campo. Geralmente, as bolsistas voluntárias auxiliavam a professora nos trinta minutos finais das aulas da disciplina História Geral I, expondo algumas questões sobre o tema da aula (Figura 1; Fonte:Santos, 2019).

A escolha da abordagem era livre no contexto dos temas “Saúde e Meio Ambiente”. Durante as aulas ministradas pelas bolsistas sob orientação da professora da disciplina, os alunos contribuíam com as atividades sugeridas ao alinhar os conteúdos de História Geral, explicados pela professora, com os da Educação do Campo, focados na aproximação com a Biologia (Figura 2; Fonte: Santos, 2019).

Durante uma aula do tempo universidade, as bolsistas voluntárias realizaram o planejamento de aula, no qual fizeram um cartaz com uma mensagem de Paulo Freire, para ser fixado em sala; selecionaram e confeccionaram o material para mística; construíram os slides; e selecionaram o vídeo “O homem e os micróbios”, sugerido pela professora de Biologia. Após essa atividade, o material produzido foi apresentado para as professoras de História e Biologia para avaliação.

Ao realizar o minicurso, as bolsistas voluntárias expressaram as suas vivências como estudantes do curso de Educação no Campo. Por conseguinte, elas iniciaram uma interação com os alunos para ouvi-los e compreender o contexto em que vivem. No transcorrer da aula, as acadêmicas explanaram o conteúdo planejado por meio de slides e também exibiram o filme “O homem e os micróbios”, que apresentou a trajetória de um médico dedicado ao combate de uma febre que acarretou milhares de mortes. A época em que se aborda o longa-metragem não havia

conhecimento científico apurado e, por conta disso, não era possível saber a causa das mortes. Assim, as doenças e as mortes eram atribuídas a castigos divinos.

A aula interdisciplinar também contou com a exibição de trechos do filme “O absolutismo: a Ascensão de Luís XIV”, marcado por algumas curiosidades que aconteciam neste período na França, mais precisamente no Palácio de Versalhes. O filme promoveu um debate acerca do cotidiano, da Saúde e do Meio Ambiente no período da Idade Moderna, no século XVII. Também foram feitas reflexões sobre os dias atuais para que os estudantes compreendessem as mudanças obtidas ao longo do tempo com o auxílio da História e da Biologia.

A atividade também disponibilizou um breve resumo sobre a Revolução Científica e explicaram sobre a importância da Interdisciplinaridade. Ao fim do minicurso, abordou-se sobre a história e as conquistas da Educação do Campo ao longo do tempo.

O minicurso, abordagem escolhida pelas monitoras para executar o projeto de Extensão nas aulas da disciplina História Geral I, trata de um importante instrumento de diálogo e construção de saberes entre docentes e discentes (PAVIANI; FONTANA, 2009). Neste sentido, cabe ressaltar, que os alunos ingressos no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRR, são orientados, nas aulas das disciplinas de História e Biologia, que o professor e a professora do campo, independente da área do conhecimento, necessitam conhecer o processo histórico do surgimento da Educação do Campo e saber que não existe reforma agrária sem Educação do Campo, como não existe Educação do Campo sem reforma agrária (CALDART, 2004).

Com o auxílio da interdisciplinaridade (FAZENDA; 1999; JAPIASSU, 1976), nota-se que a Educação do Campo contribui para o camponês e seus povos tradicionais. De um modo geral, os minicursos abordados neste relato contribuíram para que os extensionistas, o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Natureza, Educação e Cultura (GPI-NEC), além dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, compreendessem o espaço que estão inseridos e suas identidades. As disciplinas de História e Biologia são fundamentais no cotidiano dos estudantes e devem ser voltadas à realidade e especificidades dos povos do campo.



A interdisciplinaridade entre História e a Biologia são instrumentos importantes na Licenciatura em Educação do Campo, a fim de que os alunos e camponeses conheçam suas origens e também sobre a natureza, formando docentes mais preparados para a Educação Básica, ou seja, com um olhar crítico sobre questões sociais e políticas do Brasil.

Referências

- AQUINO, Rubim Santos Leão de Aquino; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos; FRANCO, Denize de Azevedo; ALVARENGA, Francisco Jacques Moreira de. História das sociedades: Das sociedades modernas às sociedades atuais. 41 ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2009.
- CALDART, Roseli S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 4.ed. Campinas: Papirus, 1999.
- JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. Conjectura. v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Novos temas nas aulas de História. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

prae.ufrr.br



@ufrrofficial



@ufrrofficial



@ufrrofficial



@ufrrofficial

PRAE
PRÓ-REITORIA DE
ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO



UFRR